



JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO
ANO 22.º

DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO
SEXTA-FEIRA, 26 DE JANEIRO DE 1979

CHEFE DE REDACÇÃO: JOSÉ ESTEVÃO CRUZ
AVENÇA N.º 1140

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254

OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
LISBOA — TELEF. 361839 • FARO — TELEF. 22322 • AVULSO 5000

DOSSIER UNIVERSIDADE DO ALGARVE

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

APROVA POR UNANIMIDADE O PROJECTO DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

QUANDO a 19-5-78 nós prometemos que o Dossier Universidade do Algarve não estava encerrado, é que tínhamos ainda alguns depoi-

mentos, ainda alguma *recherche* a fazer. No entanto, naquela data, considerámos a 1.ª Fase do Dossier terminada. Se é certo que se perguntou

nas páginas do Jornal do Algarve pela continuação do Dossier, também foram muitas as cartas que recebemos, incitamentos que nos deram estímulo que não queremos deixar de agradecer.

Queremos justificar a interrupção necessária deste Dossier. Tivemos uma 1.ª fase, necessária e urgente, de aglutinação de vozes; de irmos ao encontro desses homens que, no obscuro das transmissões de cultura tiveram uma actividade dificultada e não admitida, mas sempre resistindo, sabendo que as promessas não tinham a função do exigível, do facto público. Foram pedinchas dum direito que só se viu concretizado na força do povo pelos seus representantes.

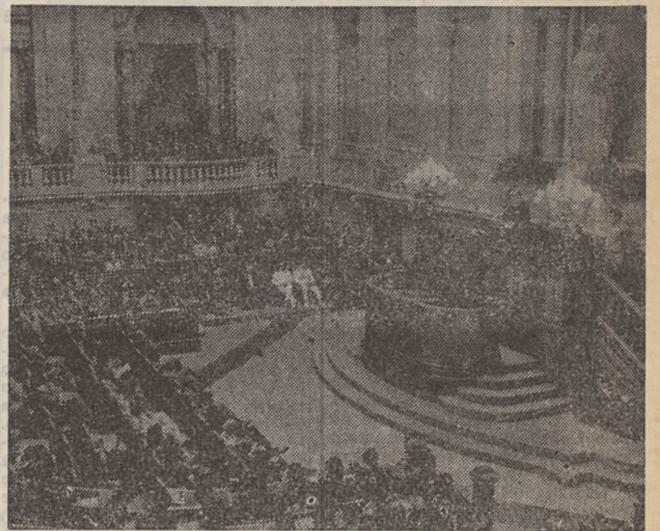
por Teodomiro Neto

Fomos aos seus encontros; menos facilitados por uns mas, na maioria, e honra lhes seja feita, prontos e esclarecidos; decididos a dizer, a explicar o que até então não tinham tido ocasião de fazer.

Foram meses de procura, foram horas de diálogo que somadas fizeram semanas de perguntas e respostas.

Havia na 1.ª Fase do Dossier que auscultar os partidos, através dos seus deputados. Conhecer a possibilidade que a lei do P. S. D., sobre a criação da Universidade do Algarve, teria de ser aceite, na Assembleia da República. Era urgente pressionar os par-

(Conclui na 6.ª página)



A Assembleia da República, órgão de soberania que aprovou a criação da Universidade do Algarve.

Em 16 de Janeiro de 1979, a Assembleia da República aprovou por unanimidade a criação da Universidade do Algarve. A Comissão Instaladora deverá tomar posse três meses depois da publicação da lei no Diário da República. Se algum deputado ponderou que o projecto inicial, apresentado pelo P. S. D., era incoerente, razão seja dada à Assembleia que o soube limar e adaptá-lo às realidades das nossas necessidades. Pretendemos criar forças convergentes aos interesses da terra que tanto amamos e dos interesses simultâneos dos nossos filhos.

Seja como for, a Universidade do Algarve é uma realidade do ponto de vista jurídico. Já não é uma promessa, uma ilusão.

Pois agora são as verbas que faltam! Iremos saber e perguntar às pessoas das disponibilidades financeiras que há. Pois agora faltam professores! Perguntaremos onde se possam encontrar. Pois agora faltam instalações! Como será?

Alunos sabemos que estão, há séculos, esperando! Aqueles que semana a semana nos lêem e nos dão força garantimos que o dossier irá avante, não tanto em assiduidade como desejaríamos, mas, com e nas condições subcarregadas que têm os que trabalham no jornalismo amador.

Na primeira fase do dossier dissemos: que os algarvios meditem nos conceitos, nas opiniões, nos desenganos, na esperança que é comum e na força dos que desejam e hão-de abrir a porta que pretendemos para a inteligência e a educação permanente de todos os que nos frequentam.

Pois agora diremos que é tempo de na nossa terra surgir uma cultura de conquista e de construção, de raiz e de transformação da nossa terra. Uma cultura de abertura para o nosso acesso à cultura universal. Para dizermos à nossa maneira: tardou mas arrecadou...

PROBLEMAS DA REDE ELÉCTRICA ANALISADOS EM FARO

A SÉRIE das vastas anomalias no sector eléctrico, registada na nossa Província, foi alvo de uma reunião, em Faro, onde participaram o governador civil do Distrito, os presidentes das câmaras algarvias, os responsáveis pela Direcção dos Serviços Eléctricos, EDP e Federação dos Municípios e ainda as comissões de trabalhadores destes dois últimos organismos.

Foi referido, ao longo da reunião que se prolongou por várias horas, que «as condições de exploração serão grandemente melhoradas este ano» e

que, até 1981 haverá, em todo o Algarve, uma rede de linhas duplas, aumentando a capacidade de resposta, em caso de avaria.

Vejam, em quadro simples, a evolução dos consumos na nossa Região, em milhões de KVA (vulgo kilowatts):

(Conclui na 6.ª página)

ANÁLISE ESTRUTURAL DAS LENDAS DE MOURAS ENCANTADAS (II)

NESTAS lendas existe um impedimento das relações entre duas pessoas por uma terceira, usando o estratagemas do encantamento. Esta terceira pessoa é ou representa simbolicamente o pai da pretendida.

Assim: Na lenda das três gémeas, o pai aconselhado pelos seus astrólogos encerra as suas três filhas numa torre, tentando impedir que os cristãos as possam possuir. «Espero que saibas cuidar das minhas filhas como fosses tuas!» Cadiga (a ama) respondeu humildemente mas convicta:

— Assim o juro, senhor!
O rei tornou:
— Daqui para diante começarão a ver despontar a vida à sua volta, como disseram os astrólogos, terei de cuidar

delas. Portanto, para as afastar de perigos desconhecidos, levá-las-ei contigo para um castelo longe do bulício, mais para junto do mar, onde os olhares se possam alongar sem nada distinguir e onde escutem apenas os murmúrios do oceano.

Assim fez o rei. Numa torre junto ao mar ficaram vivendo encerradas, embora cheias de riquezas as três jovens mouras e a velha Cadiga.

Na lenda da Encantada de Porches, o pai impede possíveis relações desta com os cristãos atacantes, encantando-a. Diz a lenda que «...na passagem mais caudalosa da Ribeira um homem ouviu um mouro encantar sua filha. Ela ali ficaria até que todo aquele mato fosse roçado, semeado aquele terreno de oreghãos, substituídos estes pela vinha e esta, já em estado de não dar fruto por ser velha.»

Na lenda da Moura de Faro, o pai mouro encanta a sua filha no momento em que esta fugia nos braços de um cristão. «O pai sabendo por um espia que ela ia a sair do castelo nos braços de um cristão, invocando Alá, a encantou para sempre, no mo-

(Conclui na 4.ª página)

A HABITAÇÃO UMA NECESSIDADE E UM DIREITO DE TODOS OS PORTUGUESES!

TODOS aqueles que têm uma casa com algumas comodidades, sabem como é reconfortante descansar sentado numa cadeira depois de um dia de trabalho ou nos dias de descanso. Mas, infelizmente, grande parte dos portugueses não pode usufruir desse direito e satisfazer essa necessidade, dado que, em 1977, foram calculados como necessários cerca de 600 000

Por Geleate Canau

novos fogos, prevendo-se, de acordo com a taxa de crescimento da população, que até 1990 serão necessários cerca de um milhão.

Apesar dos direitos consagrados no art.º 65.º da Constituição da República Portuguesa, o montante dos quantitativos monetários para a construção destas habitações (fogos) implicaria, a preços de 1978, a imobilização, em capital fixo, de cerca de 800 milhões de contos, quantia que nos parece difícil de conseguir num País que luta com déficits, tanto nas trocas com o

(Conclui na 5.ª página)

Mário Soares no Algarve para debater Documento-Base

MÁRIO Soares, secretário-geral do Partido Socialista, a principal força política eleitoral do Algarve, participou em Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António, Silves e Lagos, em reuniões das secções locais do seu partido, no âmbito do documento actualmente em discussão no interior do PS, «Dez anos para mudar Portugal — a proposta PS para os anos 80» acompanhado de Pedro Coelho, Jorge Campinos, Nunes da Silva, Eduardo Pereira e Maldonado Gonelha.

O dr. Soares assistiu no domingo, em Vilamoura, ao «Cross das Amendoeiras em Flor». A sua visita à nossa Província viria a terminar numa reunião realizada na sede do Partido Socialista, em Faro, com a participação do governador civil, deputados do PS pela região, e presidentes das câmaras eleitos por este partido e ainda, o secretariado da federação distrital.

MAMEDE PERDE POR SEGUNDOS VITÓRIA NO CROSS DAS AMENDOEIRAS EM FLOR

PORTUGUES Fernando Mamede, favorito português para a prova de atletismo «Cross Internacional das Amendoeiras em Flor», não conseguiu sagrar-se vencedor, por pouco mais de três segundos, honra que viria a pertencer ao alemão federal Frank Zimmermann.

A prova, patrocinada pela Direcção Geral dos Desportos e apoiada pela Comissão Regional de Turismo do Al-

garve, era este ano mais difícil, devido ao traçado onde abundavam as subidas e descidas. Um magnífico andamento, imposto logo no início, sem quebras, viria a provocar um grande desgaste nos menos capazes e preparados, cavando grandes distâncias entre os concorrentes, destacando um trio composto por Zimmermann, Mamede e Smith, e impondo desistências.

(Conclui na 5.ª página)

NOTA da redacção

NO último número, publicámos um estudo importante do jurista dr. Almeida Carrapato sobre a aplicação da Lei 1/79, Lei das Finanças Locais, no Algarve. Defendia-se aí a necessidade de se avançar sobre a burocracia e, em espírito de resolução dos graves problemas enfrentados pelas autarquias, passarem a ser arrecadadas de imediato as verbas relativas ao imposto de turismo — o equivalente a 3,1% da receita global cobrada pelos estabelecimentos hoteleiros.

Para além da hesitação de alguns presidentes das câmaras algarvias, sabe-se que o sentimento geral é coincidente com esta formulação. Por exemplo, a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, que mantinha um certo contencioso com a CRTA por não ver aplicados no concelho os dinheiros que cobrava, tomou a dianteira e aprovou, por unanimidade, que fossem arrecadadas de imediato as verbas do imposto de turismo.

Esta face da questão, o imposto de turismo, muito sentida pelas autarquias algarvias, é apenas uma pequena parte de uma outra sentida por todo o povo português e também pelo poder local democrático, quando se viu, por falta de recursos financeiros, na impossibilidade de dar solução a múltiplos problemas como a captação de águas, recolha de lixo, fomento da habitação, construção de caminhos rurais e tantos outros que ocupariam um longo rol de enunciado.

Com efeito, o poder central, sempre utilizando como arma de pressão política sobre as populações a questão do compadrio, da tutela, da comparticipação, nunca viu com bons olhos a descentralização imposta pela Lei Funda-

OS MUNICÍPIOS DEFENDERÃO A LEI

mental que uma campanha orquestrada procura agora rever. E aí, nesse texto que é a Constituição de 1976, se diz claramente que é matéria não passível de revisão em 1980 um poder local descentralizado.

Mais de três meses decorridos sobre a aprovação da lei e mais de um ano sobre a discussão da matéria na Assembleia da República, há quem queira negociar a verba de 18% do Orçamento Geral do Estado, pois ela provocaria desemprego na função pública e agravaria tal orçamento.

Ora a realidade é bem diferente. Dezoito por cento do orçamento não significa mais 18% para o orçamento e o emprego não diminuirá. O que vai passar-se, possivelmente, é que o poder central terá menos dinheiro nas mãos, passando para as mãos das autarquias a mesma quantidade. Vai ser duro para aqueles que durante anos se acastelaram em gabinetes almofadados, com ar condicionado e grossas alcáfitas, enquanto o povo morria o pó das estradas e se atolava na lama dos caminhos ou adoecia com cheiros fétidos pela falta de esgotos. Vai ser duro, vai.

Porém os municípios defenderão a lei. Porque são os presidentes, os vereadores, os membros das assembleias e outros órgãos de poder local aqueles que vivem dia a dia com o povo. E têm de o ouvir. Se não, para a próxima, quem se virar contra os seus legítimos interesses não será eleito. Daí o dilema de certos partidos, na hora actual: de mal com o Governo por amor das Câmaras, de mal com as Câmaras, por amor do Governo. Que escolha será feita?

Jornadas de divulgação científica, em Faro

A DELEGAÇÃO Regional de Lisboa da Sociedade Portuguesa de Física realiza, hoje, sexta-feira, na Escola Industrial e Comercial de Faro, duas sessões, a primeira às 18 horas, sobre FÍSICA NUCLEAR, com a orientação do Dr. J. Emílio Ribeiro, do Centro de Física de Matéria Condensada e a segunda, com início às 21.30 horas, sobre ENERGIA NUCLEAR, orientada pelo Dr. Frederico Carvalho, do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares.

Sessões semelhantes serão levadas a efeito em Portimão, no dia seguinte, na Escola Secundária António Aleixo (antigo Liceu), às 14.30 e 17 horas, respectivamente.

Os temas serão tratados de modo a interessar não só a população escolar, mas também um público mais geral.

@ saúde é a maior riqueza

Desde há longo tempo, são conhecidas muitas doenças curáveis comendo, apenas, frutas e verduras. Hoje, sabemos que estes alimentos nos fornecem vitaminas, indispensáveis para manter a saúde e a vida.

Não procure nas farmácias as vitaminas obter, pois estão nos alimentos que você deve comer.

CRÓNICA DE FARO



por João Leal

Universidade e barragens no Algarve, quando?, para quando?

UNIVERSIDADE e barragens são dois temas que ao longo das décadas têm pairado sobre as mentes e os destinos das gentes algarvias numa gestação que teima em ter fim. Promessa, que em qualquer dos casos se teima em concretizar na realidade, em sair das hipóteses, dos estudos, dos decretos, dos pareceres das várias comissões. Promessa que no passado afluía sempre, oficialmente, em períodos eleitorais ou em visitas governativas e que, no presente se enquadra, infelizmente ainda na interrogativa — quando, para quando?

E é curioso como os dois temas se interligam numa dependência constante, na cultura do pão e no pão da cultura, das gentes que querem evoluir para viver e das gentes que têm que viver para poder evoluir.

Se é certo que a Universidade avançou de forma decisiva no pós-25 de Abril, a que não foi estranho também um esforço autêntico de mobilização dos estudantes-trabalhadores com esse exemplo de querer, de perseverança e de tenacidade que é o Centro de Apoio Universitário, a funcionar em Faro; se não podemos olvidar a apresentação, na Assembleia da República, pelo deputado José Vitorino do projecto de diploma legal; se há muitos outros certos — acções, intervenções, etc.; menos certo não é que tarda o dia em que o Algarve possa integrar-se no espaço europeu da formação escolar, e não só, e rompa de vez com a cortina que dissipa a muralha estrangulante da chegada da sua Universidade.

No que respeita às barragens é um caso, pode dizer-se, sem exageros, de vida ou de morte, da própria existência vital para as décadas vindouras. A chuva de furos que por toda a região se estão fazendo extraindo do lençol aquífero as suas reservas finais até ao esgotamento, têm inevitavelmente os dias contados. Entretanto as ribeiras e rios (caso do Guadiana) vão deitando fora, lançando no Grande Oceano, a água potável, tão necessária para o Algarve de agora e absolutamente fundamental para o Algarve do ano 2000. Só que as barragens (as grandes ou as pequenas barragens, na dialéctica da discussão) continuam apenas e só no propósito de se construírem.

Universidade e barragens no Algarve, quando?, para quando?

FUZETA



Participação de Missa

1 ANO DE SAUDADE
JORGE JOAQUIM PEREIRA LOPES

Sua esposa, filho, pais, irmãos, sogros e restante família, participam que será rezada missa por sua intenção, na igreja paroquial da Fuzeta, pelas 8,30 horas, do dia 29 de Janeiro de 1979, agradecendo desde já a quem se dignar assistir a tão piedoso acto.

Algarve medieval em debate na Academia de História

Uma importante achega para a historiografia do Algarve foi dada em comunicação apresentada, na Academia Portuguesa de História, pelo dr. Alberto Iria, intitulada «O Algarve Medieval — pedras-soltas para a sua história».

Na mesma ocasião, o académico afirmou existirem bastantes documentos sobre a história do Algarve no Século XV, pelo que prosseguirá o seu trabalho sobre o conhecimento da vida na nossa província, no passado. Desta vez, foram abordados apenas temas respeitantes às vilas de Albufeira (1441-1476), Alcoutim (1442-1476) e Loulé (1442-1478) e às cidades de Faro (1441-1480), Lagos (1441-1476) e Silves (1444-1476).

Sete mortos em acidente de viação ocorrido perto de Messines

Sete pessoas morreram devido ao despiste do veículo em que seguiam, a cinco quilómetros de Messines, na Ponte do Gavião, ao quilómetro 87 da estrada que liga esta vila a Lisboa, quando um Vauxhall 1300, matrícula AF-70-41, se despiu por razões desconhecidas, caindo no Arade.

As identidades fornecidas pela GNR são as seguintes: Domingos Inácio, de 31 anos, natural de Lagoa, construtor civil; sua mulher, Fátima Santos Resende, de 23 anos, natural de Almada, dois filhos do casal, Nuno Daniel e Rui Miguel, respectivamente de três anos e 19 meses; David Jacinto João, de 67 anos, e seus filhos, Joaquim Dias Martins, de 32 e Manuel Dias Gonçalves, de 35 anos.

As vítimas dirigiam-se para Portimão, provenientes de São Marcos da Serra.

Sérgio Farrajota Ramos

Médico dermatovenerologista
Professor agregado de Medicina Interna

DOENÇAS DA PELE E VENÉREAS

Consultório e Residência:

Rua Transversal à Av.º 25 de Abril — Lote 9/10 r/c B.
Consultas a partir das 17 h.
Telefone 23398 — Portimão

Cartório Notarial de Vila do Bispo Sociedade Pecuária da Quinta da Moira, Lda.

Certifico, narrativamente, para fins de publicação, que por escritura de 23 de Agosto de 1978, lavrada de folhas 13 v.º a folhas 17 v.º, do livro de notas para escrituras diversas n.º A-31, deste Cartório, e em face de cessões de quotas, LUIS MARQUES CORREIA, «PLURIGESTA — GESTÃO E INVESTIMENTOS EM EMPRESAS, LIMITADA», e JOÃO VICENTE MARTINS, passaram a ser os únicos sócios da «Sociedade PECUÁRIA DA QUINTA DA MOIRA LDA.», mencionada em epígrafe, os quais elevaram o respectivo capital de 500 000\$00 para 600 000\$00, e alteraram os artigos 2.º e 3.º do pacto social que passaram a ter a seguinte redacção:

2.º

O capital social é de 600 000\$00, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, e corresponde à soma de três quotas iguais, de duzentos mil escudos, pertencendo uma a cada um dos sócios Luís Marques Correia, «Plurigesta — Gestão e Investimentos em Empresas Lda.», e João Vicente Martins.

3.º

A gerência da sociedade compete a todos os sócios, desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo indispensável para obrigar a sociedade, em todos os actos e contratos, a assinatura conjunta de dois gerentes, com excepção dos actos de mero expediente para os quais é suficiente a assinatura de um só gerente.

§ ÚNICO: — A representação da sócia «PLURIGESTA — GESTÃO E INVESTIMENTOS EM EMPRESAS LDA.», deverá fazer-se por um dos seus sócios com poderes bastantes para o efeito. Está conforme o original o que certifico.

Vila do Bispo, aos dezoito de Setembro de mil novecentos e setenta e oito.

O Ajudante do Cartório,

José Vítor Leal Mateus

Vende-se

Carrilha Ford, fechada.
Trata Carlos José Martins, Hortas — Vila Real de Santo António.

AGENDA

Ecos

Partidas e chegadas

Com sua esposa sr.ª D. Dora dos Santos Gravanita, regressou de Londres a sua casa na Cova da Piedade, o nosso assinante sr. Eduardo Inácio Rosa Pires Gravanita.

Encontra-se já há alguns meses na Arábia Saudita em missão de serviço, acompanhado de sua esposa e filhos o sr. eng. José Manuel Rosa Pires Gravanita.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até quinta-feira, a Farmácia Piedade.
Em FARO, hoje, a Farmácia Pereira Gago; amanhã, Pontes Sequeira; domingo, Baptista; segunda-feira, Oliveira Bomba; terça, Alexandre; quarta, Crespo Santos e quinta-feira, Paula.

Em LAGOS, hoje, a Farmácia Lacobrigense; amanhã, Silva; domingo, Neves; segunda-feira, Ribeiro Lopes; terça, Lacobrigense; quarta, Silva e quinta-feira, Neves.

Em LOULÉ, hoje, a Farmácia Avenida; amanhã, Madeira; domingo, Chagas; segunda-feira, Pinheiro; terça, Pinto; quarta, Avenida e quinta-feira, Madeira.

Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Ferro; amanhã, Rocha; domingo, Pacheco; segunda-feira, Progresso; terça, Olhanense; quarta, Ferro e quinta-feira, Rocha.

Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Rosa Nunes; amanhã, Amparo; domingo, Central; segunda-feira, Oliveira Furtado; terça, Moderna; quarta, Carvalho e quinta-feira, Rosa Nunes.

Em TAVIRA, hoje a Farmácia Montepio; amanhã, Aboim; domingo, Central; segunda-feira, Franco; terça, Sousa; quarta, Montepio e quinta-feira, Aboim.

Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO, hoje, a Farmácia Carrilho; e até quinta-feira, a Farmácia Carmo.

Televisão

Algumas rubricas que poderá ver no 1.º Programa da R. T. P.:

Hoje, às 20,40 horas, «O astro»; 22,30, «Will Shakespeare».

Amanhã, às 16,40 horas, «Nicholas Nickleby»; 17,45, Animação; 20, Car-

Aluga-se

Com equipamento, gabinete de desenho ou actividade afim.

Tratar pelo telef. 27787 de Faro.

Venda de sucata

Faz-se público que se encontra à venda a sucata abaixo indicada que se encontra nas Arrecadações de Faro e de Portimão onde pode ser vista:

- Sucata de cabo telefónico — com manto de chumbo — revestido a plástico — armado
- Sucata de ferro forjado
- Sucata de ferro fundido

As propostas em carta fechada devem ser dirigidas ao Gestor da Área de Telecomunicações de Faro, Largo do Carmo, até ao próximo dia 20 de Fevereiro.

Lavandaria Rapsa

Informa os seus Exmos. Clientes que a partir de 1 de Fevereiro a 28 de Fevereiro de 1979, se encontra encerrada para férias.

A Gerência

PRECISA-SE

1 oficial encadernador.
1 auxiliar compositor.
1 auxiliar impressor.
2 serventes.
2 aprendizes encadernadores. Informa-se na Redacção deste Jornal.

diologia; 22,05, Alamedas da noite — «Os candidatos».

Domingo, às 15 horas, A abelha Maia; 15,30, «Sandokan e o leopardo»; 21, «Os tevetas»; 22,05, «O convidado de baixo da mesa»; 23,15, Contadores de histórias.

Cinemas

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «A última loucura»; amanhã e domingo, «Paul e Michelle»; terça-feira, «Secção especial»; quarta-feira, «Mocidade rebelde».

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, amanhã e domingo, em matinée e soirée, «Prestígio real»; terça-feira, «Herança erótica».

Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, amanhã, «Viva Knível»; domingo, «Os 11 implacáveis meninos do coror»; terça-feira, Outlaw Blues»; quarta-feira, «Animais em fúria»; quinta-feira, «Perdi as calças em Midberg».

Em LOULÉ, no Cine-Teatro Louletano, amanhã, «Karato, a mão da morte»; domingo, «Borsalino»; terça-feira, «Os 2 bombeiros».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Isabel e o desejo»; amanhã e domingo, em matinée e soirée, «007 — agente irresistível»; terça-feira, «O monstro está vivo»; quarta-feira, «Os 4 duques»; quinta-feira, «Cavalgada sangrenta».

Em S. BARTOLOMEU DE MESINES, no Cine-Teatro João de Deus, hoje, «40 graus à sombra do lençol»; amanhã, «Fogo real»; domingo, «Zorro»; terça-feira, «Espadas vingadoras».

Em SILVES, no Cine-Teatro Silvesense, hoje, «Andrey Rose»; amanhã, «Os dois demissionários»; domingo, em matinée, «O carocha mais louco do mundo» e em soirée, «Que ricas tias»; terça-feira, «O campo nazi do

S. BRÁS DE ALPORTEL

AGRADECIMENTO

MANUEL VIEGAS DE JESUS

Sua esposa, filho, nora e netinho agradecem reconhecidamente a todas as pessoas que acompanharam o ente querido à última morada ou de qualquer outro modo manifestaram pesar pela sua morte.

amor». Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO, no Cine-Foz, domingo, «As pupilas do sr. reitor»; terça-feira, «A cilada».

Lotas

De 9 a 17 de Janeiro

VILA REAL DE STO. ANTONIO

TRAINEIRAS:

Rainha do Sul	288 400\$00
Flor do Sul	269 900\$00
Apóstolo S. João	264 000\$00
Biscaia	198 350\$00
Mira Mar	181 000\$00
Pérola do Guadiana	148 300\$00
Lestia	120 900\$00
Infante	83 200\$00
Norte	54 200\$00
Cajú	37 000\$00
Prateada	34 900\$00
Conserveira	17 300\$00
Alecrim	14 600\$00

Total . . . 1 712 050\$00

De 7 a 16 de Janeiro

OLHÃO

TRAINEIRAS:

Nova Esperança	361 500\$00
Estrela do Sul	308 500\$00
Amazona	248 600\$00
Diamante	243 600\$00
Pérola Algarvia	232 500\$00
Alecrim	220 200\$00
Conserveira	189 800\$00
Nova Clarinha	188 200\$00
Nova Sr.ª Piedade	183 900\$00
Arda	183 200\$00
Prateada	163 000\$00
Cajú	158 000\$00
Audaz	154 600\$00
Princesa do Sul	125 000\$00
Liberta	115 600\$00
Cidade Benguela	83 250\$00
Norte	28 540\$00

Total . . . 3 187 990\$00

Algarve

Para comprar ou vender vendas, terrenos, moradias e quintas em bons locais, consulte Teixeira — Rua de Santa Justa, 22-2.º esq. — Lisboa.

CICLO

de Demonstrações de Panificação e Pastelaria do Algarve

Com vista à apresentação de novos produtos e novas técnicas de fabrico, os FERMENTOS HOLANDESES e máquina e fornos REKENA, com a colaboração das Revistas de Panificação, Associações dos Industriais de Panificação, de Moagem, de Pastelaria (ANCIPA), Hotelaria e o Centro Regional de Turismo levam a efeito um ciclo de demonstrações de fabrico de pão e bolos, na Sociedade de Padarias Senhora da Piedade, em Loulé.

Estas demonstrações práticas, destinam-se exclusivamente a profissionais (patrões e operários) e têm lugar pelas 15 horas, das próximas terça e quinta-feira, 30 de Janeiro e 1 de Fevereiro, para Panificação, e, na quarta-feira, 31 de Janeiro, para Pastelaria.

Westinghouse Thermo King

UNIDADES DE REFRIGERAÇÃO PARA TRANSPORTES FRIGORÍFICOS

PARA TODOS ESCLARECIMENTOS E ORÇAMENTOS

Favor contactar com

EXPOSIÇÃO E VENDAS: Largo de Santos, 4-A OFICINAS E ASSIST. TÉCNICA: Jardim 9 de Abril, 18-20 TELEFONES P.P.C.A. 670011/2/3 — LISBOA

CONSERVAS DE PEIXE

SARDINHAS CAVALAS-ATUM BRAMARIL-JULAS POLVO-CHOCOS ANCHOVAS ESPECIALIDADES

OLYMPIQUE

PRODUCT OF PORTUGAL

SAIAS, IRMAOS & CIA. LDA.
Casa fundada em 1928
OLHÃO PORTUGAL

TRIBUNA LIVRE

As consultas dos tios Bento e Abel

Números atrás, apresentei-te, leitor amigo, os meus tios Abel e Bento — tio Abel todo ele esférico (morfológica, cultural, social, artística e politicamente esférico), sempre moderado, sempre anafado, sempre endinheirado, sempre rei ou o presidente, haja ditadura ou democracia. Tio Bento todo ele linear (alto, magro, frenético, sempre em contradição com tudo e com todos, sempre criticando tudo e todos, vivendo nos «bons» tempos do antigo de funcionário público, HONESTO e, ainda hoje, vivendo muito modestamente, mesmo após os aumentos de vencimentos da função pública (vozes: muito bem).

Estes dois seres tão estruturalmente diferentes, têm, no entanto, duas coisas em comum: um gosto enorme pela boa mesa e um terror de pânico pela doença. Mas afi acaba a semelhança, pois enquanto tio Abel, endinheirado, como nos bons restaurantes, tio Bento, coitado, anda pelos tasquiômetros — onde, por vezes, se come muito melhor que nos grandes restaurantes.

Por razões que ao caso não vem, ia eu pela rua de Santo António abaixo (ou acima, consoante a teoria da relatividade ensina) quando avistei, encostado à esquina dum tapume que foi o pretensioso prédio do Banco Nacional Ultramarino e vai ser um caixote de cimento com janelas (a 500 contos por janela), um vulto ofegante, amarelado, cansado, que me pareceu ser o tio Abel. Corri. Era, indaguei, estupefacto, o que tinha acontecido. E, entre arfejos, o meu tio contou.

«Calcula tu, sobrinho das minhas entranhas, que há dias tive uma dor aqui de lado que estive à morte».

Não me preocupei grandemente, porque o meu tio Abel e o meu tio Bento estão para morrer várias vezes por mês...

«Corri imediatamente ao escritório do Timóteo, à Pontinha.»

«Então o tio mudou de médico?» — perguntei.

«Nada disso, sobrinho, nada disso. O meu médico é e continuará a ser o dr. Cal de Galinha. Fui ao Timóteo porque ele é íntimo amigo do guarda-portão do prédio onde se encontra o consultório do dr. Cal.»

«E daí?» — indaguei, completamente estupefacto.

«Daí que esse guarda portão é íntimo amigo, mas íntimo percebes? da enfermeira do doutor. Assim, com essa boa cunha, consegui marcação logo para dali a um mês... Ah, sobrinho, sobrinho, como está avançada no nosso país a medicina! Antigamente a gente ia ao médico, o doutor mandava despir, auscultava, mandava dizer 33, apalpava a barriga, receitava, e pronto! Hoje, que diferença! O doutor manda despir a gente, mede a tensão com um aparelho, dá-nos umas pancadinhas no joelho com um martelinho muito giro, de borracha, mede as trocas medulares básicas soprando a gente num balãozinho de borracha, tira-nos uma fotografia aos bofes cá de dentro, numa máquina fluoroscopia e, depois, senta-se à secretária e manda-nos fazer vinte e duas análises e quatro encefalogramas (fora dois electrocardiogramas e cinco radiografias confirmativas da radioscopia perfunctória)».

«Eu comecei tudo isso em Janeiro do ano passado. Corri do consultório do médico ao analista. Estava em férias. Mas graças a umas notas dadas a umas pessoas, consegui marcar consulta, para o mês seguinte ao mês que vem. E, nos outros, tive a mesma sorte. Em 150 dias tirei todas as análises e fotografias. Ah, sobrinho, mas ia morrendo! As cinco da manhã ia para a bicha do radiologista. Em jejum, claro. Estava até às 6 da tarde sem comer, num gabinete frio e pequeno, cheio de gente a tossir micróbios de toda a espécie para cima de mim. Feita a radiografia, corria de táxi, de Xabregas a Alcântara, para a análise à urina. Depois era o encefalograma... Ia morrendo, sobrinho, digo-te eu! Mas levo aqui» — e mostrou-me uma resma de papel que parecia o relatório das sevícias falecidas» tudo o que o meu médico receitou. Adeus, sobrinho!» E lá foi, arriando-se a um tapume que tapa o que era a Casa Nobre e vai ser mais Uma Casa Forte...

Cosas da minha vida levaram-me a Lisboa. Sentado numa cadeirinha nos Restauradores, quem descortino eu? O tio Bento, lendo um jornal. Grandes abraços, as perguntas idiotas sobre a saúde e o tio Bento diz-me:

«No mês passado tive uma dor que me ia matando! Corri à Caixa, pus-me na bicha. Logo ao fim de 150 dias fui recebido. O médico perguntou de que me queixava e eu disse que tinha uma dor no lado. Ele apalpou, disse que era fígado e receitou-me uns

pelo dr. Afonso de Castro Mendes

supositórios. E, quando eu me ia queixar duma dor de cabeça, que me não larga, ele disse-me: não se pode atender mais de uma queixa. Para se queixar doutra dor, tem de ir para a bicha. E cá estou. Estou em número 1677 mas devo ser recebido na 5.ª feira, porque já morreram 76 que estavam à minha frente e hoje houve uma grande zaragata ao pé do Tivoli, morreram mais seis e foram presos cinco, de sorte que devo ser atendido 5.ª feira. Aluguei esta cadeirinha — 10 paus por dia — compro o almoço e o jantar aos tipos que andam por aqui vendendo cachorros quentes, em suma, estou muito bem servido. Adeus, sobrinho!»

Construção Civil / Alvará

Eng.º Civil disponível para quadro técnico do empregatelo

Telef. 27562 FARO

Algarve

Compro barraca, casa ou apartamento perto de praias de Alvor até Vila Real de Santo António. Carta para Rua Correiros, 221-3.º Dto.—Lisboa, ou telefone 32 33 09.

A alimentação e a vida

Princípio fundamental da existência do Homem e não apenas forma de prazer ou vício, a alimentação torna-se muitas vezes, para não dizer quase sempre, em tortura e suplicio pelos desequilíbrios que provoca ao nosso organismo, conduzindo-o não ao prazer duma vida regrada e saudável, mas à doença; doença essa que pode ser evitável pela simples clara e objectiva educação da população ou, apenas, pela simples elucidação das pessoas, adultas ou crianças, tendo em conta a realidade concreta do meio social em que vivem e as condições económicas de grupo.

Assim, procurando agrupar as pessoas em torno das suas organizações culturais e recreativas, médicos, enfermeiros e outros profissionais da saúde, professores e outras camadas intelectuais interessadas na protecção da saúde das populações, poderão e deverão dinamizar cursos de *Higiene e normas alimentares*, com o apoio das estruturas da comunicação social e do próprio Estado.

Educar a população neste sentido seria um investimento lucrativo a médio, senão a longo prazo, mas que nos daria a certeza absoluta de que os objectivos lançados pela *Organização Mundial de Saúde* seriam alcançados e não deixaríamos de ser apenas projectos e decretos lançados no papel, para os acharmos muito bonitos e correctos e continuarmos à espera que outros venham e continuem pensando como nós.

É urgente que as escolas comecem

a educar crianças e adultos na prevenção da maioria dos desequilíbrios orgânicos que conduzem a doenças crónicas e irreparáveis. É urgente que médicos e enfermeiros invadam escolas e magistérios primários e levem os seus conhecimentos sobre *Regras Alimentares* para prevenção de doenças. É urgente que todos os profissionais da saúde se debrucem sobre os problemas alimentares das comunidades e utilizem todos os meios ao seu alcance, de comunicação social e políticos para que finalmente aquela tão bonita, mas até aqui tão esquecida *definição de saúde*, aprovada pela Assembleia Geral da O. M. S., já há alguns largos anos, seja uma realidade. Para quem não sabe ou está recordado aqui vai a dita definição: *Saúde é o completo bem-estar físico, moral e social e não apenas ausência de doença ou deformidade.*

Falar de alimentação não é tarefa fácil, sobretudo para aqueles que conhecem a situação real em que vive a maioria da população, pois que a missão de médico será, antes do mais, demonstrar quer política quer indirectamente, pela assistência médica e educacional dessa população, em que estado a mesma se encontra. Contudo, todos os possíveis serão feitos para que passo a passo se vá dissipando o véu da ignorância e um dia possa existir uma sociedade mais justa, mais humana e mais saudável onde se possa viver pela defesa intransigente desse bem que é a Saúde.

J. A.

LAVANDARIA DRAGÃO — Vila Real de Santo António

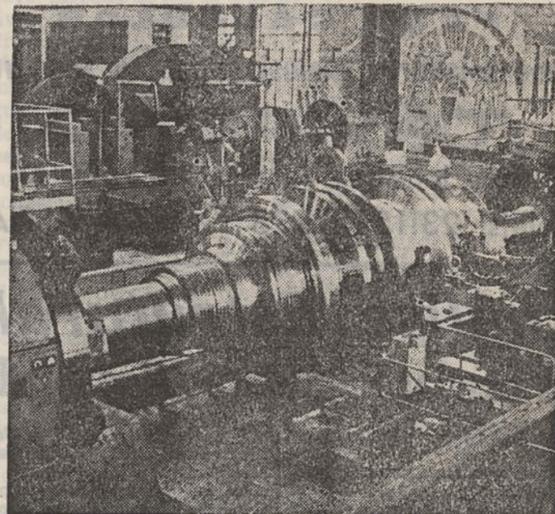
Informa todos os seus Ex.ºs Clientes, e o público em Geral:

Que não tem Sociedade, nem trabalha, com qualquer outra Lavandaria, ou Empresa.

É exclusivamente do seu proprietário, Francisco Caetano Martins Gonçalves, Rua José Barão n.º 50, telef. 358.

FIRESTONE PNEUS

TAVIRA: Rua D. Marcelino Franco, 45
e Pr. Zacarias Guerreiro, 3-A
COM ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES



Montagem de um motor para uma turbina atómica, na fábrica de turbinas de Kharkov, na Ucrânia.

Centrais nucleares: resolução definitiva do problema energético?

A introdução em grande escala de centrais de neutrões rápidos, exige que se resolvam vários problemas. É indispensável obter uma tecnologia industrial de transformação do combustível irradiado dos reactores rápidos, extrair o plutónio e o urânio residual e fabricar «cartuchos» para outros reactores.

O rápido desenvolvimento do ramo energético atómico coloca ainda um outro problema, o da neutralização e conservação dos detritos radioactivos. As centrais atómicas, por si sós, não são nocivas ao homem e ao meio ambiente, mas a transformação do com-

bustível irradiado, encerra um perigo potencial de poluição radioactiva. O problema aqui, se bem que já resolvido, em princípio, é complicado pela quantidade de detritos, que aumentará para atingir um volume gigantesco daqui até ao fim do século.

Grandes trabalhos estão em curso a fim de injectar os detritos radioactivos em estratos geológicos profundos, onde ficarão enterrados com segurança. Os detritos muito activos estão a ser vitrificados para serem conservados em reservatórios seguros.

A. P. N.

UM CAPACHO DE CIMENTO E AÇO

Não me conheces mas creio que sabes que sou amigo. Não te conheço mas sei que posso contar contigo

Vicente Campinas

I

Numa grande estância turística cabe sempre mais um, vá... um pouquinho de vontade, ó amigo dê aí lugar ao mister!; hoje respiras se te deixarem respirar. O mundo, coitado, é pequeno, as tuas praias são tão grandes, bolas alguém tem de se sacrificar!... Bem, e se nós não te viéssemos comer, se não te viéssemos usar, donde te chegaria o Progresso? Quem te levaria pela mão? Se algum dia te deixarmos, levantar-te-ás sozinho? Serás incapaz e, por isso, cá estamos nós... vimos de todo o lado para te ajudar, apenas queremos o teu Sol, o nosso sossego em hotéis que te deixamos, cada vez que partimos. Não é bom, it's not fine? Yeh, o que querem mais afinal? Ai calma, du calma mes amis, pedir sim, exigir é que não. Onde é que já se viu as abelhas comerem o mel? Vocês têm cá uma mania de ver nódoas em tudo... Afinal, cada um é o que é... e vocês sabem quem eu sou? Claro que não podem saber, eu nunca disse quem era...

II

É verdade, já se fez tanto cá pelo turismo que até fica mal estarmos a desfazer o que os outros levantaram com tanto sacrifício. Já te fizeram tanto elogio, turismo nosso que nos dá hoje (e amanhã?), que é uma birrinha dizer que isso não é tanto assim como eles pensam.

De facto já o turismo parece unanimemente aceite como uma actividade económica indispensável ao país e ficaram sem resposta todas as perguntas que se impunha fazer: Um perfil de grande estância turística para os países da Europa corresponde ao corpo histórico, etnológico, cultural e político do Algarve? Vale a pena deixarmos-nos arrastar para um modelo de civilização (que não é o nosso e que

por Vasco Rosa

muitos consideram injusto e já caduco) apenas por algumas conveniências que o nosso turismo servil traria para a nossa economia em crise? É possível uma colonização subtil da nossa personalidade colectiva pelos hábitos, interesses e necessidades de consumo dos povos mais industrializados — mas que não são as nossas? E se assim fosse quais os custos dessa colonização cultural?

Corremos o perigo de cair num irreversível círculo vicioso (sendo maior a capacidade de oferta, maior será a procura), esquecendo por exemplo, que podem surgir novas zonas turísticas de interesse para os europeus ou que, porque não, como aconteceu em 75, sofrermos um boicote internacional, através do turismo, à economia do que era classificado, lá fora, por «um regime comunista»?

III

Há muitas razões contra a sobrevalorização do turismo na economia algarvia, mas são argumentos desprezados pelo poder e que não são discutidos pela base e, ao invés da espontaneidade e da iniciativa criadora de algo de novo, de alternativo que o 25 de Abril trouxe consigo, estamos hoje tão soterrados numa cobardia comprometida, num servilismo mercantilista, anestesiados pelo imediatismo, que qualquer resistência, qualquer voz de alerta, a um «status quo» é hoje também subversivamente perigosa para quem cresce com as gigantescas construções de cimento e aço, se oculta atrás delas e se sente seguro.

IV

Ah turismo, tu és o nosso cartão de visita, mas tu és também a conta que nunca conseguiremos fazer pagar...

Algarve — raízes antigas enlaçando a gente, a arte, a vida — quantos pensarão em ti sem te quererem enganar? Se tu soubesses o que queres...

Cimentar o futuro do país... Cimpor

Para cimentar o futuro do País, a CIMPOR dispõe de seis Centros de Produção e nove Entrepósitos, tem uma capacidade global de produção de 4.400.000 toneladas por ano e está a ampliar as suas instalações para mais

um milhão de toneladas por ano. A CIMPOR possui avançada tecnologia em equipamento e métodos de trabalho. A capacidade de resposta da CIMPOR garante a qualidade do cimento produzido e uma cada vez maior facilidade de distribuição a nível nacional.

CIMPOR



Sede: Rua Braamcamp 7-Y, Lisboa 1 Tel. 59161/66

Rel.º CIMPOR/LISBOA - Tel. 12433 CIMPOR P

Cimentos de Portugal, E.P

J. Pombo Lopes

MEDICO

ESTOMATOLOGISTA

CIRURGIA ORAL

Consultas com marcação

3.ª, 5.ª e 6.ª das 18 às 19 h.
Rua Reitor Teixeira Guedes,
3-2.º — Telef. 27833 — FARO.

Camping do Calço

ABERTO TODO O ANO

Cede-se sala para lanches, casamentos e baptizados. Tratar pelo telefone 951 95 de Cacela.

Vende-se

Barco novo, motor marca Buk, com rádio, gabinado, com casa de banho.

Tratar pelo telef. 522 de Vila Real de Santo António.

Poupe Diesel...
Compre um

DEUTZ

O tractor que se amortiza
por si ano após ano
Não se deixe enganar
FAÇA CÁLCULOS
Concessionário exclusivo para o Algarve:
TAVIAGRO
Rua Jacques Pessoa, 26 - 26-A
Telefs. 23115-22928 TAVIRA

Análise Estrutural das Lendas de Mouras Encantadas

(Conclusão da 1.ª página)

mento em que atavessavam a porta do castelo.»

Na lenda de Alcoutim, o pretendente mouro vem impedir as relações entre a moura e o rei cristão. Presume-se que este pretendente seja um representante do pai de Zuleima.

Na lenda da Fonte Cássima, o pai impede que os cristãos se apoderem das suas filhas, encantando-as numa fonte. «Durante a luta o choque é brutal. A luta sangrenta. Dura horas? Dura dias? Dura semanas? A decisão está tomada. O velho governador não quer, não pode, não deve hesitar mais. Chama as suas três filhas.

— Zara... Lídia... Cássima..., venham comigo!

Leva-as a uma fonte, a nascente da vila junto a um bonito canal.

— Ides ficar aqui até que venha buscar-vos. Não tardarei, prometo.

Elas começam a chorar e abraçam-se. Mas o velho governador, sem se deixar comover, começa a entoar pausadamente, algumas palavras misteriosas que só ele compreende. E à medida que as vai dizendo diante dos seus próprios olhos desaparecem, uma a uma, as figuras de Zara, Lídia e Cássima, suas lindas três filhas. Desaparecem como que engolidas pela fonte.»

Na lenda da Ribeira de Odelouca, o pai encanta a filha ao constatar que ela corria atrás do amado cristão e que não respondia ao seu apelo para voltar para ele.

II

Instaura-se assim uma relação a três, o pai, a filha e o pretendente sendo este de uma religião diferente.

Na lenda da Encantada de Porches, encerradas para que não haja possibilidade de se converterem ao cristianismo, por influência de qualquer cristão.

Na lenda da Encantada de Porches, o pretendente será um possível cristão atacante.

Na lenda da Moura de Faro, é um cristão que leva a moura nos braços para fugir com ela.

Na lenda de Alcoutim, o chefe dos cristãos é morto por um pretendente mouro para impedir as suas ligações com Zuleima, a moura.

Na lenda da Fonte Cássima, é também por causa da invasão cristã que o pai encanta as filhas.

Na lenda da Ribeira de Odelouca, é atrás de um cristão que Ode foge para com ele fugir.

III

Há a considerar que, na estrutura a três, a iniciativa do encantamento compete à figura paterna. Imediatamente há um facto que nos impressiona, que é a resistência que move o pai à união da filha com outra pessoa que não seja ele, e isto levamos a abordar o problema do incesto.

Na lenda da Fonte Cássima, o pai antes de fugir para Marrocos, encanta ou melhor, congela as suas três filhas para que ninguém as possa possuir já que ele também não o pode fazer.

Na lenda das três gêmeas, o pai congela as três filhas pois uma vez que não as pode possuir também não quer que qualquer outro, as possua. Nesta lenda, apesar de não expresso o encantamento, pode considerar-se que o encerramento das filhas numa torre funciona também como um congelamento.

Esta iniciativa, como é fácil de observar na estrutura destas lendas que já vimos, é reproduzida em todas as outras.

Contudo numa lenda que é a lenda da Moura do Poço de Vaz Varela, a reacção do pai em relação ao pretendente é declaradamente antagónica. O pai usa o Signo Saimão, que é o símbolo da inveja, para encantar a filha, afastando assim um possível pretendente cristão. «O pai vai encantar a filha no fundo de um poço durante 100 anos. Ao encantá-la, fez no poço e sobre a filha sinais cabalísticos acompanhados de palavras misteriosas, pronunciadas numa entoação musical muito triste, e lançando ao pescoço da filha o santo Signo Saimão, já com a luz e as estrelas no céu, a arremessou ao poço.»

Já na lenda da Castelã de Salir o pai traça no espaço o Signo Saimão para encantar a filha, evitando deste modo que um pretendente a possua já que ele também não a pode possuir. «E o velho alcaide não hesitou um só momento. Com a mão direita traçou no espaço o Signo Saimão em direcção ao vulto da filha, depois disse umas palavras misteriosas e tudo se consumou no mesmo instante...»

(Conclui no próximo número)

Em torno das pensões de reforma

(Conclusão da última página)

ao actual governo distribuir a justiça social por todos os portugueses, uma vez que todos os portugueses têm o sagrado direito às mesmas regalias sociais, ou seja a uma sobrevivência digna de todos os seres humanos que somos.

É que se os pensionistas do Estado não podem sobreviver com uma pensão de entre os seis e os 8 000\$00 mensais, muito menos o podem os pensionistas da Previdência que recebem uma miséria entre os 2 250\$00 e os 3 500\$00. Os bens de consumo, rendas de casa, gás, custam os mesmos preços para todos.

Os actuais governantes reconhecerão estas verdades, uma vez que a justiça social não é um favor mas, antes, um sagrado dever.

Alberto Pires Cabral

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DO CORAÇÃO

CONSULTAS às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feiras a partir das 17 horas

CONSULTÓRIO: Rua D. Carlos I, n.º 11-1.º Dt.º Tel. 23523

PORTIMÃO

Notariado Português

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

A cargo do Notário: Lic. João Frederico de Oliveira Telo Mexia

Certifico, para efeitos de publicação que por escritura outorgada em 18 de Janeiro corrente, lavrada de fls. 15 v. a 17 do livro de notas para escrituras diversas n.º B-121 deste Cartório, Romano Fernandes Justo e mulher Maria Cândida Nunes Duro Justo, casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de Vila Nova de Cacela, deste concelho e habitualmente residentes em 1-Bis — Boulevard Cotte — Enghier — Bains — França, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, de um prédio rústico composto de uma courela de terra de semear com árvores, no sítio da Manta Rota, freguesia de Vila Nova de Cacela, deste concelho, a confrontar do norte, sul e poente com herdeiros de Faustino Oliva, e do sul com a Estrada Municipal, não descrito

na Conservatória do Registo Predial de Vila Real de Santo António e inscrito na respectiva matriz, em nome de Manuel da Palma, sob o artigo número mil e oitenta e oito, com o rendimento colectável corrigido de 435\$00, de que resulta o valor matricial de 8 700\$00 e ao qual atribuem o valor declarado de 30 000\$00;

Que o dito prédio foi doado ao justificante marido por seus pais Manuel da Rosa Justo e mulher Teolinda dos Santos Fernandes, casados sob o regime de comunhão geral de bens, e habitualmente residentes no sítio da Manta Rota, freguesia de Vila Nova de Cacela, deste concelho, por escritura outorgada em 31 de Agosto do ano findo, lavrada de fls. 17 v. a 19 do livro de notas para escrituras diversas n.º A-119 deste Cartório;

Que, por sua vez, os referidos pais do justificante marido, haviam adquirido o mencionado prédio, há mais de trinta anos, por contrato verbal, pelo preço de 3 000\$00, ao dito Manuel da Palma e mulher Esperança dos Mártires, casados sob o regime de comunhão geral de bens, actualmente falecidos, e que foram residentes no indicado sítio da Manta Rota;

Que dada a forma desta última aquisição, não têm pois, os justificantes título que lhes permita registar o aludido prédio em seu nome na Conservatória do Registo Predial desta comarca.

Está conforme.

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, dezoito de Janeiro de mil novecentos e setenta e nove.

O Ajudante,

Manuel Clemente

CASA

Aluga-se, com quintal, mesmo precisando reparos, zona Vila Real de Santo António ou Tavira.

Resposta a este Jornal ao n.º 34/79.

Vende-se

Andar, novo, com 3 assoalhadas, mobilado, em Vila Real de Santo António.

Tratar na Rua Dr. António Passos, 45, na mesma vila.

AVISO

A Comissão Instaladora do Hospital de Vila Real de Santo António torna público o seguinte:

A partir de 31 de Janeiro não é possível manter o Serviço Médico permanente no Hospital em virtude de terminarem o período de serviço à Periferia os Policlínicos que actualmente trabalhavam neste Concelho e estar atrasado o processo de colocação dos novos Policlínicos que os virão substituir.

O Serviço Médico Permanente será retomado logo que cheguem os referidos Clínicos.

Na circunstância referida, apenas serão atendidos os casos reconhecidamente urgentes, pelo restante Corpo Clínico, em regime de chamada

A Comissão

Cantinho de S. Brás

(Conclusão da última página)

sejariam. Regra geral, com as edificações costume ter infelizmente um «contencioso» vitalício, não morrendo de amores umas pelo outro, antes e depois dos cravos de Abril. É a sina de quem pretende ser honesto e sincero! Ao longo dos anos vou chupando rebuscadinhos de fel e vinagre, mas por cá todos bem, obrigadinho!

Posso-lhe garantir, não haver nenhum assunto local que não tivesse sido já abordado diversas vezes, inclusive o famigerado caminho da Canadela! Essa via é realmente necessária aos que frequentam o colégio. Mas note, há sem dúvida, duas alternativas: a estrada nacional a dois passos (e quem não tem transporte hoje em dia?) e o caminho da Sincera, por onde poderiam transitar automóveis, se nele se despejassem umas toneladas de saibro! Mas, garanto-lhe, de modo algum deixo de concordar com o seu reparo e as reivindicações que formula na sua carta, sr. Camões!

Impressionou-me o seu terrível pessimismo acerca dos problemas que afectam a nossa terra, particularmente o seu sítio. Olhe que S. Brás de Alportel ultimamente foi bafejada com formidáveis — é o termo — benesses, sobretudo na vigência dos 1.º e 2.º governos constitucionais. Como a rapazeada é da cor, e dos bons, tem havido muita prodigalidade na remessa de fundos! A última bolada, seis mil e tal contos, dá para muita coisa, apesar da inflação galopante. Quem sabe se, no orçamento para 79, essa zona foi contemplada? O camarada Alberto tem influência, pode pôr um trunfo na mesa. Que diabo, temos de acreditar nos correligionários! Quer ouvir um segredinho? Estou morando num bairro novinho em folha e a rua é uma lástima. Covas e lama até aos arrelhos, caramba! E já movi pedidos. Dizem que o sofrimento purifica a vida, temos de ter paciência e engolir em seco, amigo!

Asseguro-lhe, dos caminhos que visitei, a população interessada colaborou activamente em numerário e dias de trabalho. Permita-me que lhe diga francamente: se tivéssemos de fazer o que se tem feito só com a prata da casa, estávamos tramados, isto daria

ares ao tal reinado de D. Afonso III. Mas com a malta que temos, sem vergonha nem papas na língua para pedir, qualquer dia o Terreiro de Paço faz turismo, gozando o belo clima debaixo das azinheiras do Alportel de Cima ou para os lados do Quim Manel, da sua apetitosa gastronomia e do seu famoso vinho de mesa.

Aliás, as leis já aprovadas permitem às autarquias lançar impostos de todas as matizes que tornarão o Estado mais pobrezinho, coitado. Certamente os poderes locais com a sua autonomia financeira vão dar uma ajudinha. Tudo se vai transformando em mini executivos, e confirmando a teoria de Darwin, amplamente...

Quando os pobres forem muito menos pobres, e os ricos muito menos ricos, com a verdadeira justiça social implantada no concelho, S. Brás será um paraíso. Porém as grandes fortunas continuam a ferrolhadas a sete chaves e, os seus avaros detentores nem com um ferro em brasa abrem as unhas. Mesmo com os pés para a cova, não cedem dinheiro para uma sociedade mais justa e mais fraterna. S. Brás só produz um filantropo em cada 5 000 indivíduos. O que se pode fazer com esta média tenebrosa? E depois queixem-se voltadinhos para a parede se desabar para af uma noritada violenta!

Corrigir as deformações dos pés

As deformações dos pés, por vezes tão pouco evidentes podem ser no entanto responsáveis pela extrema fadiga e incómodo doloroso das pernas e dos pés. Em especial nas crianças, geram graves consequências para o seu desenvolvimento normal e mais tarde, pelo seu agravamento são responsáveis por gravíssimos inconvenientes.

No entanto, podem ser corrigidas por palmilhas medicinais e calçado ortopédico individualizado desde que confeccionados correcta e rigorosamente sob medida, em observância à prescrição do médico e regularmente comprovadas sob sua orientação.

Em apoio à Ex.ª Classe Médica do Instituto Huberto de Portugal, está meticolosamente preparado para assegurar a execução escrupulosa das suas prescrições.

Os nossos Técnicos estão ao vosso dispor, faça pois a sua marcação para ser atendido em: Portimão, na Farmácia Rosa Nunes, para o dia 1 de Fevereiro, todo o dia, em Quarteira na Farmácia dos Serviços Médicos Sociais, no dia 2 de Fevereiro de manhã ou em Loulé, na Farmácia Pinto, para o dia 2 de Fevereiro de tarde.

COSTA & SILVA

Vilarinhos do Algarve Fazem orçamentos de carpintaria de cofragem.

Tratar com Miguel Ferreira da Silva na Rua João de Lisboa — Monte Gordo.

nada poderá substituir uma peça legítima!

Mini • Morris/Austin • Land Rover • MG

PEÇAS E ACESSÓRIOS LEGÍTIMOS
C. SANTOS, LDA.
FILIAL DO ALGARVE
FARO-OLHÃO
Telefs. 22088 - 72073



A habitação uma necessidade e um direito de todos os portugueses!

(Conclusão da 1.ª página)

exterior, como no Orçamento Geral do Estado.

Em face desta problemática que poderemos nós, portugueses, fazer?

De forma alguma o Estado pode alhear-se do problema, aliás dentro do espírito e letra do já referido art.º 65 da Constituição. Assim, quanto a nós, as principais medidas de política habitacional serão:

- O acesso generalizado ao crédito para habitação própria;
- O subsídio de habitação, dentro dos limites financeiros existentes;
- A disciplina de actualização e controlo de rendas;
- O condicionamento do solo urbanizável.

Quer dizer que o Estado deverá conceder bonificações de juros, dentro de certas condicionantes do solo, da superfície coberta e dos preços, além de tornar compatíveis os rendimentos da família com os encargos da habitação e, ainda, com uma disciplina de actualização e controlo de rendas.

Além disso, para evitar o agravamento da actual construção clandestina, é necessário que todas as construções de novos fogos e a recuperação dos degradados sejam condicionadas pela sua integração em planos municipais de urbanização, devidamente aprovados e integrados no ordenamento físico do território.

Parece-nos que estes pressupostos vão, aliás, ao encontro de uma política de habitação e do direito ao trabalho, pois são as necessidades deste último que deverão condicionar a primeira e vice-versa, evitando-se assim um dos grandes factores alienantes das sociedades capitalistas modernas — as cidades dormitórias, com todos os custos supérfluos de transportes, educação, saúde, etc., e, ainda, da desagregação da vida familiar e consequentemente da qualidade de vida.

Há um outro aspecto que ainda não abordámos. Trata-se de quem irá construir, se a indústria privada, a pública e/ou, ainda, a das cooperativas.

Sem dúvida que este é um sector da actividade económica onde a actividade privada poderá e deverá traba-

lhar dentro de lucros justos, mas respeitando as leis vigentes do trabalho e das finanças, além de ter um quadro permanente de pessoal, pondo de parte o recurso aos contratos a prazo que consideramos bastante degradante dos direitos dos trabalhadores.

Quanto às empresas públicas da construção civil, pensamos que são consequência directa das nacionalizações ou intervenções, numa óptica de assegurar emprego, umas, outras derivadas das nacionalizações da banca e dos seguros, pelo que será da mais elementar justiça social assegurar-lhes condições iguais às privadas, através da sua transformação em empresas mistas de capitais públicos e privados.

Finalmente as cooperativas poderão vir a ser um dos melhores instrumentos para resolver o problema habitacional português, porque podem associar-se os investimentos do Estado com o trabalho dos associados que poderão, nas suas horas vagas, contribuir com horas de trabalho gratuitas que deverão ser contabilizadas no pagamento da sua habitação.

Actualmente, parece que os empréstimos do Fundo de Fomento de Habitação às cooperativas (projectos SAAL e outras) foram suspensos, pelo que muitos dos operários foram despedidos e surgiu uma situação que consideramos contraproducente, caríca e prejudicial ao País.

— Não se podem pagar salários de 6500 a cerca de 9 000 escudos mensais aos operários para trabalharem, todavia, talvez, se vão pagar de 4 000 a 5 000 escudos, também mensais, para nada fazerem, através do subsídio de desemprego.

Não pretendemos fazer mais comentários, os nossos leitores decerto os farão por nós.

Mamede perde por segundos

(Conclusão da 1.ª página)

Figuras de primeiro plano como Wild, Dingwall e Lismond foram afastadas pela dureza da prova.

Destaque também para Aniceto Simões e José Sena que impuseram uma grande toada ofensiva e viriam a classificar-se, respectivamente em 6.º e 5.º lugares. O atleta Carlos Lopes viria a ficar no 9.º lugar.

A cerca de mil metros do fim da corrida, Zimmermann, em poderoso arranque, não acompanhado pelos seus mais directos perseguidores, F. Mamede e B. Smith, até à linha de chegada, onde triunfou com justiça.

Com esta edição, a prova ganhou prestígio internacional, transformando-se numa iniciativa que se irá por certo reeditar, dada a qualidade unanimemente reconhecida.

A prova feminina foi ganha pela inglesa Jenny Yule e a prova nacional pelo português João Campos da APA.

Apresentamos, a seguir, um quadro das classificações finais:

Homens — Internacional: 1.º, Frank Zimmermann (RFA), 30, 09,9; 2.º, Fernando Mamede (Portugal), 30, 13,6; 3.º, Barry Smith (Inglaterra), 30, 17,1; 4.º, Tony Simmons (Inglaterra), 30, 28,7; 5.º, José Sena (Portugal), 30, 33,4; 6.º, Aniceto Simões (Portugal), 30, 38,6; 7.º, Jean Luc Lemire (França), 30, 41,5; 8.º, Danny Md Daid (Irlanda), 30, 45,2; 9.º, Carlos Lopes (Portugal), 30, 52,2; 10.º, John Wild (Inglaterra), 31, 05,6.

Mulheres — Internacional: 1.º, Jenny Yule (Inglaterra), 13, 19,2; 2.º, Joelle de Brower (França), 13, 29,6; 3.º, Martine Bouchonau (França), 13, 56,5; 4.º, Aurora Cunha (Portugal), 14, 05,8; 5.º, Veronique Renties (França), 14, 11,4.

Prova nacional — 1.º, João Campos (APA), 22, 12,2; 2.º, Ezequiel Canário (Farense), 22, 18,3; 3.º, Guilherme Alves (APA), 22, 19,7; 4.º, Luís Costa (AAL), 22, 30,4; 5.º, Joaquim Murraças (Leiria).

Crónica de Portimão

(Conclusão da última página)

ciais à cidade, quem diabo vai pensar que o cronista tenha na mais alta estima o partido em que tal tipo se inscreveu? Ou, por outro lado, se aqui legitimamente barafustarmos contra a «quiosquite» e malandrices similares que assolaram a cidade desde que um outro sr. Juliano deixou de ser Juliano e passou a manda-chuva, só quem comigo bebeu nas tetas da velha ama é que não pensará que eu seja mais uma voz minoritária pregando contra as maiorias democraticamente eleitas, em nome de um qualquer totalitarismo, quem sabe se pago em rublos, ou mesmo em coqueques...

Estes dois exemplos ilustram bem os perigos que esperam um cronista que trabalhe sem rede, umbrela, almofadões nos assentos e algodão nos ouvidos. Pode, se mal se precata, assanhar um coro de gatos mais desafiado que os que recordo da minha aldeia, em noites de Janeiro e lua cheia.

Pois. Verdade que já passei por isso antes de Abril. Mas então dava um gozo muito especial beliscar as nádegas de um ou outro da meia dúzia de bonzos suportes do regime. A gente ria — e o riso, como a canção, era uma arma. Agora não. A luta de classes, que se intensificou depois de Abril, torna o riso mais difícil, mais arduo. Até porque algumas vezes teríamos que rir de um ou outro que então considerávamos camarada, companheiro nesta aventura pela edificação sonhada de um mundo melhor. E que o não era. Ou já não é. E isso dói...

Notariado Português

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

A cargo do Notário: Lic. João Frederico de Oliveira Telo Mexia

Certifico, para efeitos de publicação que por escritura outorgada em 19 de Janeiro de 1979, lavrada de fls. 17 a 19 do livro de notas para escrituras diversas n.º B-121 deste Cartório, Eduardo Bandarra e mulher Maria Graciete Nogueira, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele desta freguesia e concelho e ela da freguesia e concelho de Castro Marim, onde habitualmente residem na Vila, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, de um prédio urbano térreo com vários compartimentos e quintal, sito na Rua Dr. Oliveira Salazar (antiga Rua França Borges) da Vila, freguesia e concelho de Castro Marim, a confrontar, actualmente, do norte com João Viegas Rocha, sul com

António Rocha, nascente com a Ladeira do Castelo e poente com a dita Rua, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Vila Real de Santo António, inscrito na respectiva matriz, metade em nome do justificante marido, três décimos em nome de Joaquim Herculano e dois décimos em nome de Adília Rita Silva Nogueira, sob o art.º 72, com o rendimento colectável corrigido de 498\$00, de que resulta o valor matricial de 9 960\$00 e ao qual atribuem valor declarado de 20 000\$00;

Que os justificantes adquiriram metade do dito prédio por compra feita, pelo preço de 5 000\$00, a João de Jesus Nogueira e mulher Dolores Domingues Quintino, casados sob o regime de comunhão geral de bens, residentes habitualmente em Figueiras, província de Gerona, Espanha, por escritura outorgada em 19 de Outubro de 1973, lavrada de fls. 71 v. a 73 v. do livro de notas para escrituras diversas n.º 83 deste Cartório;

Que os referidos João de Jesus Nogueira e mulher, e os justificantes haviam adquirido o citado prédio, em comum e na proporção de metade para casal, na partilha amigável verbal, a que procederam, há mais de 20 anos, dos bens que ficaram por óbito de seus avós Joaquim Herculano e mulher Catarina da Conceição, que foram casados sob o regime de comunhão geral de bens, e residentes em Castro Marim e por óbito de sua sogra e mãe, Adelaide Rita Silva Nogueira, que foi viúva e residente em Castro Marim, não tendo, pois, dada a forma de aquisição, título que lhes permita proceder ao seu registo na Conservatória do Registo Predial desta comarca.

Está conforme.

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, dezanove de Janeiro de mil novecentos e setenta e nove.

O Ajudante

Manuel Clemente

JORNAL DO ALGARVE
N.º 1140 — 26-1-79

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE VILA REAL
DE SANTO ANTÓNIO

Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Jelo Juízo de Direito desta comarca e respectiva secção, correm éditos de 30 dias contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o executado JOAQUIM DE OLIVEIRA PALHA, casado, industrial, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Aldeia Turística de Monte Fino, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, para no prazo de CINCO DIAS findo que seja o dos éditos, deduzir oposição nos autos de execução de sentença n.º 65-B/75 que o Banco Português do Atlântico move contra o executado acima referido e a Outro, pagar ao exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido a este o direito de nomeação de bens à penhora.

Vila Real de Santo António, 17 de Janeiro de 1979.

O Juiz de Direito,

António Alberto de Carvalho Saraiva Coelho

O Ajudante de Escrivão,

António Manuel da Fonseca Costa

Cartório Notarial de Vila do Bispo JUSTIFICAÇÃO

Certifico, narrativamente, para fins de publicação, que em 3 de Janeiro de 1979, foi lavrada de folhas 60, a folhas 61 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º A-32, deste Cartório, uma escritura de justificação na qual ANTONIO DA GRAÇA MONTEIRO, natural da freguesia de São Sebastião, de Lagos, com residência habitual na Rua dos Lojistas, n.º 100, em Lisboa, casado no regime da separação de bens com Sebastiana da

Conceição Alves Silva da Graça Monteiro, se declarou donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, de um prédio rústico que consta de terra de semear, no sítio do Vale da Rata, freguesia de Budens, concelho de Vila do Bispo, que confronta: norte — José dos Reis Malveiro, sul — caminho, nascente — Francisco Maria de Freitas e outros e poente — José João Correia e José Pereira, inscrito na respectiva matriz, em nome do justificante, sob o artigo n.º 3 264, com o valor matricial de 11 040\$00, e atribuído de 50 000\$00, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Lagos.

Mais se declarou que o dito prédio foi comprado pelo justificante a José Rosado da Silva e mulher Glória da Purificação Correia, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes habitualmente na sede da freguesia de Budens, concelho de Vila do Bispo, conforme escritura de 5 de Fevereiro de 1974, lavrada a folhas 7 e seguintes, do livro de notas para escrituras diversas n.º A-17, deste Cartório.

Que, até à data da referida escritura, foram os mesmos José Rosado da Silva e mulher, donos e legítimos possuidores do mencionado prédio, durante mais de 30 anos, posse que foi exercida sem qualquer violência e de modo a poder ser conhecida pelos interessados, traduzida na prática reiterada dos actos materiais correspondentes ao exercício do direito de propriedade, sem qualquer interrupção, pelo que o adquiriram por usucapião, não tendo, assim, documento que permita fazer prova da aquisição pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme o original, o que certifico.

Vila do Bispo, aos 3 de Janeiro de 1979.

O Ajudante do Cartório,

José Vitor Leal Mateus

COMPRO

Casas de habitação com terreno ou só terreno de preferência com água própria. Agradece-se todos os detalhes e valores pretendidos. Resposta ao Apartado, 73 — 8100 — Loulé — Codex.

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve

José Castel-Branco
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DO CORAÇÃO
CONSULTAS:
2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, às 15 horas, na Rua Baptista Lopes, 24 - 1.º Dt.º em Faro
Telefone 2 61 64

Escola Preparatória de Albufeira
Nos termos do ponto 4 do despacho 22/77 informam-se os interessados de que está aberto entre 22 a 31 de Janeiro um concurso para admissão de 2 serventes eventuais para os serviços gerais, devendo os mesmos dirigir-se à Escola.
O presidente do Conselho Directivo

Cartório Notarial de Vila do Bispo Savimora - Sociedade Pecuária, Lda.

Certifico, narrativamente, para fins de publicação, que por escritura de 3 de Novembro de 1978, lavrada de folhas 95, a folhas 99, do livro de notas para escrituras diversas número A-31, deste Cartório, e por virtude de cessões de quotas LUIS M A R Q U E S C O R R E I A, J O Ã O V I C E N T E M A R T I N S e P L U R I G E S T A — GESTÃO E INVESTIMENTOS EM EMPRESAS LDA., passaram a ser os únicos sócios da sociedade SAVIMOIRA — SOCIEDADE PECUÁRIA LDA., tendo elevado o capital desta mesma sociedade de 2 000 000\$00 para 2 100 000\$00, e alterado o artigo 2.º do pacto social que passou a ter a seguinte redacção:

2.º

O capital social é de 2 100 000\$00, representado por três quotas iguais, de 700 000\$00, pertencendo uma a cada um dos sócios LUIS MARQUES CORREIA, JOÃO VICENTE MARTINS e «PLURIGESTA — GESTÃO E INVESTIMENTOS EM EMPRESAS LDA.», o qual se encontra totalmente realizado.

Está conforme o original e declaro que na parte omitida nada há em contrário ou além do que na certidão se narra ou transcreve.

Vila do Bispo e Cartório Notarial, aos 12 de Dezembro de 1978.

O Ajudante do Cartório,

José Vitor Leal Mateus

Praia de Tavira

Vende-se Restaurante na Praia de Tavira, devidamente legalizado e classificado em 3.ª classe.

Contactar com o próprio pelo telefone 22247 - TAVIRA.

EDIFÍCIO SANTO ANTÓNIO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

★ Mais 40 fogos de 3 e 4 assoalhadas e 2 lojas num edifício de 11 pisos, estão a ser concluídos pela Empresa de Construções Símbolo, Lda. junto à Praça de Toiros.

★ Se reside em Vila Real de Santo António adquira o seu próprio andar e habite num dos mais modernos edifícios da vila.

★ Se pretende um bom investimento

As características deste edifício garantem-lhe:

- ★ Qualidade
- ★ Valorização
- ★ Rendimento
- ★ Ocupação e rendimento

Peça-nos informações:



— VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
EDIFÍCIO SANTO ANTÓNIO
— LISBOA
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 74-8.º
Telefones 778100/778540



DACTIL
 ESCOLA DE DACTILOGRAFIA
 Alvará do MEIC
 Direc. Téc. de Fellsberto Correia

- * Cursos Práticos de Dactilografia com Diploma
 - * Aprendizagem em Máquinas Eléctricas, Dictafones e Fotocopiadores
 - * Sistemas Modernos e Eficientes
- Largo D. João II, 36-1.º — Telefone 23643 — PORTIMÃO

Dossier Universidade do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

tidos, mostrando que o acesso à cultura, à intensificação da técnica e da ciência impunemente podem ser mantidos afastados do povo, dificilmente esse infortúnio poderia ser mantido.

E então surgiram depoimentos vigorosos e lúcidos: Do dr. Almeida Carrapato, governador civil do distrito, que fez questão e apostou no apoio do P. S., o seu partido, então no governo e maioritário em número de deputados com assento na Assembleia da República. E afirmou: ...O grupo parlamentar do P. S. não deixará de apoiar com entusiasmo a criação, no Algarve, dos Estudos Superiores.

Do deputado José Vitoriano do P. C. P. foi afirmado: Só

por miopia ou por intenções demagógicas se poderá considerar a ideia da Universidade do Algarve, isolada do contexto político-económico em que de facto se situa (...). Não basta tomar isoladamente esta ou aquela iniciativa — é preciso dar às autarquias os indispensáveis meios de as realizarem.

José Gago Vitorino deputado do P. S. D., partido que iniciou o projecto de lei, dir-nos-ia entusiasta: A crise económica não pode impedir que o Estado invista em escolas primárias e secundárias e centros universitários (...). O suporte fundamental de qualquer sociedade é o acesso à educação e cultura. Para assegurar à Assembleia num apelo de modestia: O Instituto Universitário nada tem a ver com partidos ou ideologias; pelo contrário, e caso se venha a conseguir, será uma vitória de todos os algarvios e do próprio país.

De todos os sectores de trabalho, representados pela União dos Sindicatos de Faro foi categoricamente exigido: A Constituição Portuguesa determina, no seu artigo 73.º, o direito de todos os cidadãos à educação e à cultura. A nossa constância — de todos os portugueses — é pô-la a funcionar. (...) Cremos que a Universidade, aqui, possa trazer uma força de inteligência e contributo...

Assim, graças a todas estas forças, a Assembleia da República aprovou o projecto do P. S. D. que cria a Universidade do Algarve, no dia 16-1-79; o diploma que na generalidade, mereceu referências favoráveis de todos os grupos parlamentares, baixará à Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura.

Problemas da rede eléctrica analisados em Faro

(Conclusão da 1.ª página)

1955-7; 1960-12; 1968-40; 1978-240. Em 1978, o consumo total do país atingiu os 12 000 milhões de KVA.

Em baixa-tensão, o Algarve absorve 6% do consumo total do país.

Ainda em 1979, chegará uma nova linha de 150 000 KVA, a partir de Sines e oriunda de Setúbal, derivando então, das duas linhas em serviço, uma série de outras, para cobrir a nossa área geográfica. Uma linha de 60 000 KVA atingirá Faro, saindo, a 30 000 KVA, para Olhão. Será instalado um novo transformador na subestação da Aldeia-Nova, Vila Real de Santo António. Uma nova linha Tavira-Olhão, arrancará a 15 000 KVA. Será montada uma sub-estação na zona das Ferreiras, para melhorar o fornecimento a Albufeira, ainda antes do Verão. Está também em estudo, o arranque de uma nova linha de 60 000 KVA entre Tavira e Aldeia-Nova.

Actualmente o Algarve dispõe apenas de uma linha de 150 000 KVA. Em 1960 a autonomia na produção e distribuição de energia eléctrica na nossa província cessou, devido, a integração na rede nacional, com uma linha directa de Ferreira do Alentejo a Loulé. Em 1970 havia duas linhas de 60 000 KVA, uma para Loulé e outra para Tunes. Contudo, a transformação económica, o desenvolvimento industrial e o novo fenómeno do turismo têm vindo a fazer sentir, cada vez com mais insistência, uma correcta necessidade de resposta ao progressivo aumento dos consumos.

Os algarvios têm-se manifestado, nos seus órgãos de comunicação, como é o caso do *Jornal do Algarve*, que tem lançado veementes protestos pela situação caótica que o fornecimento e distribuição de energia eléctrica atingiu, no sentido duma melhoria rápida da situação no sector. Esta reunião parece, pois, um fruto das aspirações de nós todos.

SULNAVE - Estaleiros Navais do Sul, Limitada

Certifico que por escritura de 19 de Dezembro de 1978, exarada de fls. 33 a fls. 35 v.º do Livro de notas A-86, deste Cartório a cargo da Licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, foi constituída entre Paulo Manuel Leal Correia, Arnaldo da Conceição Correia, e «Plurigesta — Gestão e Investimentos em Empresas, Lda.», uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se rege nos termos constantes dos artigos a seguir fotocopiados, sendo a respectiva fotocópia composta de cinco folhas devidamente autenticadas.

PRIMEIRO: — A sociedade adopta a denominação «SULNAVE — ESTALEIROS NAVAIS DO SUL, LIMITADA», tem a sua sede na Aldeia do Parchal, freguesia de Estômbar, concelho de Lagoa, constitui-se por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

§ único: — Por deliberação da assembleia geral, poderá ser mudado o local da sede e poderão ser montadas e instaladas agências, delegações ou qualquer outra forma de

representação, bem como estabelecimentos e em qualquer ponto do país.

SEGUNDO: — O seu objecto é a indústria de construção e reparação naval, reparação de máquinas, motores, automóveis, metalúrgica, comércio de barcos e aprestos navais, comércio de automóveis e acessórios, comércio de representações e ainda de qualquer outra actividade que a sociedade resolva explorar, deliberado em assembleia geral.

TERCEIRO: — O capital social é de seiscentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de três quotas iguais de duzentos mil escudos, uma de cada sócio.

§ único: — São admissíveis prestações suplementares de capital, proporcionais às quotas de cada sócio, a realizar por deliberação tomada em assembleia geral e os sócios poderão também e ainda fazer suprimentos à sociedade nos termos em que vierem a ser fixados.

QUARTO: — Todos os sócios são gerentes, sem caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

Um — Para obrigar validamente a sociedade é necessário a assinatura de dois gerentes conjuntamente, bastando a assinatura de qualquer dos gerentes para os assuntos de mero expediente.

Dois — A sociedade poderá conceder a outras pessoas singulares ou colectivas além dos seus gerentes, poderes de gerência mercantil ou para outros fins de interesse social, bem como os sócios gerentes poderão passar procuração delegando os seus poderes de gerência noutros sócios ou em pessoas estranhas à sociedade, desde que para isso tenha sido consentido pela assembleia geral.

QUINTO: — A gerência da sociedade fica desde já autorizada a comprar, vender ou trocar veículos automóveis ou motorizados.

SEXTO: — É expressamente proibido aos gerentes usar a denominação social para obrigar a sociedade em quaisquer actos, contratos ou documentos estranhos aos negócios sociais, nomeadamente abonações, fianças, letras de favor e outras responsabilidades semelhantes.

SÉTIMO: — A cessão total ou parcial das quotas fica dependente do consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de opção e preferência em primeiro lugar e em segundo lugar aos sócios.

OITAVO: — No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios a sociedade não se dissolverá, continuando com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito.

NONO: — A sociedade,

quando assim o deliberar, poderá amortizar quotas dos sócios, nos seguintes casos:

Um — Quando qualquer quota for arrestada, penhorada, arrolada ou, por qualquer modo, sujeita a apreensão ou arrematação judicial e o sócio proprietário da mesma não obtenha o levantamento do referido acto judicial, dentro do prazo de sessenta dias a contar da sua efectivação, podendo, todavia, a sociedade, mesmo dentro desse prazo, proceder à amortização, logo que a arrematação seja anunciada.

Dois — Quando qualquer sócio, seu cônjuge sobrevivo, herdeiro ou representante, requerer a imposição de selos e arrolamento de haveres sociais ou qualquer providência cautelar, que recaia sobre o património da sociedade.

Três — Quando qualquer sócio infringir o disposto no artigo sexto ou que voluntária e propositadamente exerça a prática constante de actos com o propósito de despatrimoniar a sociedade.

Parágrafo primeiro: — No primeiro caso, a amortização efectuar-se-á pelo preço que for apurado em balanço realizado para esse efeito.

Parágrafo segundo: — No segundo e terceiro casos, o preço da amortização será unicamente o valor nominal da sua parte, salvo se outro valor inferior lhe resultar do último balanço aprovado.

DÉCIMO: — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de dez dias; todavia, se os sócios assim o entenderem, poderão reunir sempre que necessário, sem qualquer convocatória.

DÉCIMO PRIMEIRO: — O balanço, depois de aprovado em assembleia geral, considerará-se irreclamável para todos os efeitos, quer nas relações dos sócios entre si, quer nas relações entre a sociedade e os sócios sobreviventes ou não interditos e os cônjuges, herdeiros ou representantes dos sócios falecidos ou interditos.

DÉCIMO SEGUNDO: — Os lucros do exercício pertencerão aos sócios na proporção das suas quotas e aos mesmos será dada a aplicação que a assembleia geral deliberar, depois de deduzido o fundo de reserva legal e quaisquer outros fundos aprovados também em assembleia geral e, do mesmo modo, proporcionalmente às quotas dos sócios, serão por estes suportados os prejuízos.

Cartório Notarial de Lagoa, 21 de Dezembro de 1978.

A 2.ª Ajudante,

a) *Maria José Correia Bravo*

Concurso

A Escola Secundária de Silves abre entre os dias 29 e 31 de Janeiro concurso para preenchimento de duas vagas de professores provisórios, um do 4.º grupo-A (Física), outro do 4.º grupo-B (Química), segundo a legislação em vigor.

Ambos os horários a preencher são completos e incluem a leccionação de Cursos Complementares.



Fazem-se e reparam-se, em alumínio, metálicos, plásticos e verticais. Colocam-se em automóveis. Vendem-se acessórios.

Trata: Gavino B. Simões — Rua D. Francisco Gomes, 37-3.º Esq. — Telef. 69 — Vila Real de Santo António.

JORNAL DO ALGARVE
 N.º 1140 — 26-1-79

TRIBUNAL JUDICIAL DA
 COMARCA DE LAGOS

Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Faz saber que no dia 19 de Fevereiro de 1979, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial de Lagos e nos autos de carta precatória n.º 236, vinda do 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa - 1.ª Secção, extraída dos autos de Execução de sentença n.º 6 939-C, que Sociedade Comercial Guerin, SARL, com sede em Lisboa move contra ADELINA LUCRÉCIA GUERREIRO, solteira, maior, residente na Rua Conselheiro Joaquim Machado, n.º 27 em Lagos, não de ser postas em praça, pela primeira vez, para serem arrematadas ao maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos, as quotas sociais que a referida executada Adelina Lucrécia Guerreiro, possui nas firmas «Lima & Guerreiro, Limitada», com sede na Rua Conselheiro Joaquim Machado, 24/26, em Lagos e «GUERREIRO & NEVES, LIMITADA», com sede na Rua da Atalaia, 15-17 em Lagos.

Lagos, 6 de Janeiro de 1979.

O Juiz de Direito,

Joaquim José de Sousa Dinis

O Ajudante de Escrivão,

António de Jesus Ribeiro

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS
 Máquinas electrónicas
 Pesseal especializado
 Execução rápida
 Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO DA LUZ
 ZONA DO DIQUE
 Telef. 23121/2 — PORTIMÃO

Cartório Notarial de Lagoa

A cargo da licenciada Catarina Maria de Sousa Valente

Justificação

Certifico narrativamente para efeitos de publicação, que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas B-93, de folhas 13 a folhas 14, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada em 11 de Janeiro do corrente ano, na qual Inácia das Neves Estorninho, viúva, natural desta freguesia de Lagoa, onde tem residência habitual, no sítio dos Lombos, se declara, com exclusão de outrem, dona e legítima possuidora de um prédio rústico, sito nos Lombos, freguesia e concelho de Lagoa, composto de terra de semear com figuei-

ras, amendoeiras, oliveira e um poço, a confrontar do norte, com Joaquim Correia e outros, do sul, com Clementina das Neves Estorninho, do nascente com herdeiros de Feliciano Alves e outros e do poente com José Correia e outros.

Inscrito na matriz predial respectiva, em nome da justificante, sob dois quartos do artigo quatro mil duzentos e noventa e nove, com o valor matricial correspondente de cinco mil seiscientos e catorze escudos. Não descrito, quer na Conservatória do Registo Predial de Silves, quer na de Lagoa. A justificante possui o referido prédio em nome próprio há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceu sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, sendo, por isso, uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriu o prédio por prescrição, não tendo, todavia, dado o modo de aquisição, documento que lhe permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Está conforme o original.

Cartório Notarial de Lagoa, 16 de Janeiro de 1979.

A Ajudante,

a) *Maria Cecília Gabriel Pargana*

TRESPASSA-SE

Cervejaria SOUSA em Vila Nova de Cacela, frente ao Mercado. Trata o próprio no local.

Ao Divino Espírito Santo Agradeço a Graça Recebida, C. V. M.

Câmara Municipal do Concelho de S. Brás de Alportel

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE INFRA-ESTRUTURAS DO BAIRRO DA COOPERATIVA ARIMBO

Faz-se público, em cumprimento da deliberação tomada em reunião desta Câmara Municipal realizada em 18 do corrente, que se encontra aberto concurso público, pelo prazo de trinta dias contados a partir da data da publicação do presente edital no Diário da República, para a empreitada em epígrafe.

Preço base 1 610 670\$00
 Caução provisória 40 267\$00

Alvará exigido — 3.ª, 4.ª e 5.ª subcategorias da 5.ª categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

O local dia e hora do acto público do concurso será a sala de Sessões da Câmara Municipal, na primeira reunião a seguir ao termo do prazo acima referido, pelas 18 horas.

O processo pode ser examinado na Câmara Municipal durante os dias úteis e horas de expediente.

Paços do Concelho de S. Brás de Alportel, 19 de Janeiro de 1979.

O Presidente da Câmara,

João Pires da Cruz

DESPORTO NO ALGARVE

FUTEBOL EM COMENTÁRIO

Merecida vitória do onze barlaventino no prélio disputado em Portimão, em especial pela maior valia registada no segundo tempo. Então o Portimonense poderia ter concretizado alguns ensejos. Ao invés, nos quarenta e cinco minutos iniciais, o Farense foi muito dinâmico e operante. Esta vitória e o nulo do Juventude no Lavradio permitiu que o onze de Portimão igualasse os eborenses. Em Olhão, num terreno igualmente difícil uma imagem foi a constante do jogo — o Olhanense a atacar, o Nacional da Madeira a defender. A dois minutos do termo da partida o golo de Salas veio conferir a justa vitória aos algarvios. No domingo o Portimonense joga o comando ante a difícil deslocação a Elvas, prélio que constituirá mais um teste ao projecto «promoção». Em Faro, um «derby» sempre apetecido e de resultado imprevisível. Referimo-nos ao Farense-Olhansense que por certo levará muito público ao Municipal de S. Luís. Na III Divisão apontem-se as excelentes vitórias do Silves em Sines, que lhe permite manter todas as perspectivas e do Esperança, em Montemor-o-Novo. O Lusitano ofereceu renhida réplica, em Beja, ao Desportivo local, perdendo por marca de tangente. O Quarteirense, ao receber o Sesimbra, foi derrotado e mais comprometido a desejada fuga à posição de «lanterna vermelha».

Para domingo o grande cartaz é o Silves-Beja, que vai colocar frente a frente dois candidatos à subida. Será que desta feita o onze bejense tem a primeira derrota do campeonato, após 17 jornadas incólume?

O factor casa deverá ser decisivo

JORNAL DO ALGARVE
N.º 1140 — 26-1-79

TRIBUNAL JUDICIAL DA
COMARCA DE VILA REAL
SANTO ANTÓNIO

Anúncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo presente se anuncia que por este Juízo e respectiva secção correm éditos de TRINTA DIAS contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, notificando o executado JOAQUIM DE OLIVEIRA PALHA, casado, industrial, com a última residência conhecida na Aldeia Turística Monte Fino, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António e actualmente em parte incerta, de que por despacho de 15 de Junho de 1978 proferido nos autos de execução de sentença n.º 37-B/75 que Farauto, Lda, com sede em Faro move contra o executado acima referido, foi ordenada a penhora no prédio rústico sito nas Hortas, freguesia de Vila Real de Santo António, loteamento do Monte Fino, Lote C-23, com a área de 207 m², para construção urbana, que confronta do norte com a Rua A em projecto, sul com a Rua C em projecto, nascente com o Lote C-22 e poente com a Rua A em projecto, omisso na respectiva matriz predial e descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho sob o n.º 8669, a fls. 134 v.º do Livro B-21, do qual foi nomeado depositário judicial José António Parra, residente nesta vila, a quem, por isso, incumbe no futuro, a sua guarda e administração, abrangendo a penhora todas as pertenças, produtos, frutos e rendas.

Vila Real de Santo António, 18 de Janeiro de 1979.

O Juiz de Direito,
António Alberto de Carvalho Saraiva Coelho

O Ajudante de Escrivão,
António Manuel da Fonseca Costa

Vende-se

Traineira da pesca da sardinha, pronta a pescar, com 24,9 metros, motor GM de 370 HP (novo), 2 sondas, guincho, com ou sem rede, e chata nova com motor novo, podendo esta ser incluída ou não na venda.

Pode ser vista em Peniche onde se encontra com o nome de «CRISNA».

Secção de João Leal

nos dois outros prélios com turmas algarvias: Esperança-Quarteirense e Lusitano-Aljustrelense.

RESULTADOS DOS JOGOS

Campeonatos Nacionais

II Divisão

Portimonense, 2 — Farense, 1
Olhanense, 1 — Nacional, 0

III Divisão

Beja, 2 — Lusitano, 1
Vasco da Gama, 0 — Silves, 2
Quarteirense, 0 — Sesimbra, 3
União Sport, 0 — Esperança, 1

Juniões

I Divisão

Estoril, 4 — Farense, 2
Portimonense, 0 — Sporting, 2

Campeonatos Distritais

I Divisão

Monchiquense, 2 — Campinense, 3
Lagoa, 0 — Armaceneses, 0
Montes Alvorenses, 0 — I. Sagres, 0
Louletano, 1 — Torralta, 1
Leões Távira, 0 — Op. Távira, 0
Beira Mar, 1 — Fuseta, 1

Juniões

Louletano, 2 — Armaceneses, 0
Torralta, 0 — São Luís, 2
Olhanense, 4 — A. Lagos, 3
Esperança, 2 — Lusitano, 1
Tavirense, 0 — Silves, 4

Juvenis

Louletano, 8 — Campinense, 0
Torralta, 5 — Quarteirense, 0
Fuseta, 1 — Sambrazense, 1
Olhanense, 2 — Tavirense, 1
Esperança, 0 — Portimonense, 2
Farense, 0 — Lusitano, 0

Iniciados

Campinense, 1 — Lagoa, 0
Portimonense, 0 — A. de Lagos, 1
Esperança, 2 — Louletano, 0
Ginásio, 0 — Marítimo, 0
Olhanense, 5 — Farense, 2
Lusitano, 1 — Fuseta, 1

JOGOS MARCADOS PARA ESTE FIM DE SEMANA

Campeonatos Nacionais

II Divisão

Farense-Olhansense
«O Elvas»-Portimonense

III Divisão

Lusitano-Aljustrelense
Silves-Beja
Esperança-Quarteirense

Juniões

I Divisão

Farense-Benfica
V. Setúbal-Portimonense

Campeonatos Distritais

I Divisão

Moncarapachense-Cularense
Leões Bairro-Leões Távira
Operários-Sambrazense
Marítimo-Beira Mar
11 Esperanças-Monchiquense
Campinense-Lagoa
Armaceneses-Montes Alvorenses
Inf. Sagres-Louletano

Juniões

Armaceneses-Tavirense
Lusitano-Louletano
Torralta-Esperança
Amador Lagos-São Luís
Silves-Olhansense

Juvenis

Lusitano-Fuseta
Sambrazense-Olhansense
Tavirense-São Luís
Portimonense-Louletano
Campinense-Torralta
Quarteirense-A. Lagos

Iniciados

Silves-Campinense
Lagoa-Portimonense
A. Lagos-Esperança
Fuseta-São Luís
Marítimo-Olhansense
Farense-Lusitano

FUTEBOL

Ao longo de várias épocas tem a Associação de Futebol de Faro tentado a realização do Campeonato de Reservas, prova do maior interesse considerando a possibilidade de manutenção do maior número possível de jogadores em actividade e consequentemente a expansão da modalidade. Nem sempre, porém, esses propósitos têm sido compreendidos. Assim aconteceu agora uma vez mais, pois das 6 equipas inscritas (Farense, Portimonense, Olhanense, Esperança, Fuseta e Torralta) apenas o Portimonense compareceu à realização do sorteio da prova, pelo que o mesmo foi adiado.

II TORNEIO INTERNACIONAL JUVENIL DO ALGARVE

Do lote inicial de equipas nacionais previstas para participarem na segunda edição do Torneio Internacional de Juvenis do Algarve, prova organizada pela Federação Portuguesa de Futebol com o apoio da Comissão Regional de Turismo do Algarve e Associação de Futebol de Faro, não se deverá confirmar a participação da Finlândia. Assegurada já a presença para além da selecção de Portugal, das equipas da Bélgica (vencedora do I Torneio) e da Dinamarca. A presença da República Federal Alemã não é possível dado que a turma germânica estará então em Moscovo, cumprindo compromissos já assumidos. Ficou confirmada a participação desta equipa no III Torneio Internacional de Juvenis do Algarve, a dis-

putar em 1980. Entretanto a FPF efectua contactos com a Federação Espanhola de Futebol, procurando trazer a turma daquele país ao torneio deste ano, o que muito valorizaria o cartaz e atrairia os adeptos da Andaluzia Ocidental.

MELHORIA DA ILUMINAÇÃO NO ESTÁDIO DO PORTIMONENSE?

Numa demonstração extraordinária do querer de dirigentes e sócios, o Portimonense tem vindo a embelezar o seu estádio e a dar-lhe todo o aspecto que já oferece. A iluminação é contudo deficiente e os dirigentes da FPF tiveram o ensejo de apreciar o facto, quando do jogo de juniores Portugal-Alemanha Federal. Face às impressões trocadas com os jornalistas no final do prélio e dada a inteira justiça do facto, é de esperar que o Portimonense receba este ano um subsídio federativo para dotar o seu estádio com o conveniente sistema de iluminação.

GOLFE «PRINCE HENRY PRO-AM» EM VALE DO LOBO

Para arranjar fundos com destino à Escola Internacional Prince Henry, no Vale do Lobo, realizou-se um torneio internacional de golfe no Vale do Lobo de que foi vencedora a equipa capitaneada por David Shaw.

TORNEIO EM VILAMOURA

Nos «greens» do Hotel Dom Pedro, em Vilamoura, realizou-se o primeiro «Pro-Am» duma série a levar a efeito durante o corrente ano. Participaram jogadores de várias nacionalidades, sendo a seguinte a classificação: Profissionais — 1.º, Gil (Quinta do Lago) — 76 pancadas; 2.º, Silva (Quinta do Lago) — 77 pancadas; 3.º, Tony Barnabé (Club Dom Pedro) — 78 pancadas.

Equipas — 1.º, Clube Quinta do Lago (Gil, Capela, Rodrigues e Afonso) — 143 pancadas.

COMPETIÇÕES NA PENINA

Teve a participação de largas dezenas de golfistas, em especial estrangeiros, um conjunto de competições realizadas nos «greens» do Penina Golf Hotel, as quais tiveram os seguintes resultados:

Prémio «Natal da Penina». Homens: 1.º, M. Y. Kitamura (Japão); 2.º, Luís Canti (Espanha); 3.º, D. Timperley (Grã-Bretanha); 4.º, L. Bennerwith (Grã-Bretanha); 5.º, L. Colton (Grã-Bretanha). Senhores: 1.º, Schoechli (Suíça); 2.º, Norma Hirst (Grã-Bretanha).

Prémio «Charles Jourdan» (com o apoio da Loja St. James, de Portimão): 1.º, Sra. Schoechli (Suíça); 2.º, Kitamura (Japão); 3.º, Luís Canti (Espanha).

Trojéu «Castro Freire»: 1.º, Alex Sceckmann e Robert Schlingensiepen (Alemanha); 2.º, Hanser e Grandy (Suíça); 3.º, Sra. e sr. Grevor (Estados Unidos da América).

TÊNIS ANDALUZIA VENCE ALGARVE POR 6-2

Constituiu grande jornada desportiva o I Algarve-Andaluzia, em ténis, integrado no calendário de manifestações promovidas pelo Dom Pedro Hotel, em Vilamoura, em cujos «courts» a competição decorreu. Durante dois dias e sob uma temperatura verdadeiramente estival portuguesa e espanhóis, para além do convívio e da promoção turística que o certame suscitou (quer motivando a deslocação de largas dezenas de praticantes e acompanhantes, bem como de jornalistas do país vizinho, assim como proporcionando um motivo de interesse em período de estação baixa), proporcionaram momentos de bom ténis, opondo-se ao maior nível dos visitantes a determinação e espírito combativo dos portugueses. Os 24 jogadores espanhóis (no ano findo a Federação Andaluza de Ténis emitiu mais de 4 mil licenças) eram oriundos de Sevilha, Granada, Almeria e Cádiz. No conjunto dos resultados a vitória coube à Andaluzia por 6-2. Registaram-se vitórias finais de Miguel Casas (Ténis de Sevilha) em singulares e de Teresa e Garrido (Granada) em pares. No festival de encerramento houve o desfile das equipas participantes, escutando-se os hinos dos dois países e disputando-se dois encontros de exibição. Assim em singulares o internacional espanhol Salvador Cabeça venceu o jovem e promissor tenista português Luís de Sousa por 11-5 e em pares, num jogo de grande emoção, os andaluzes Firmino Garrido e Carlos Teresa venceram os portugueses Luís Filipe e Luís de Sousa, por 11-9.

A distribuição dos prémios estiveram presentes várias entidades, entre as quais o Delegado da Direcção Geral dos Desportos em Faro, o Presidente da Federação Andaluza de Ténis e o Tesoureiro da sua congénere portuguesa.

TÊNIS DE MESA

A contar para o Nacional da I Divisão, o Farense desloca-se a Lisboa, onde defrontou o Operário verificando-se o resultado de 5-1, favorável aos algarvios.

Amanhã o Farense desloca-se de novo à capital, desta feita para defrontar o Sporting.

JUDO NO ALGARVE

Com a participação de 98 jovens judocas de ambos os sexos, decorreu em Faro, no ginásio do Mercado Municipal, um convívio de juço, organizado pela delegação da Direcção-Geral dos Desportos e orientado pelo monitor Lazlo Kabay. Os participantes pertenciam aos núcleos de judo do Quar-

teirense, Campinense, Ginásio Naval, Faro e Benfica, Judo Clube de Faro, Ginásio de Tavira e Náutico do Guadiana.

ATLETAS ALGARVIOS EM ESPANHA

No âmbito do intercâmbio firmado no ano transacto entre a Associação de Atletismo de Faro e a Federação Onubense de Atletismo, atletas algarvios deslocaram-se a Punta Umbria para disputarem o Cross Internacional dos Reis.

Dos resultados se pode apreciar a boa presença dos nossos atletas:

Seniores (7200 metros) — 1.º, Juan Baron (Huelva); 2.º, Vitor Manuel (um português que corre pelo Huelva); 3.º, Francisco Cabrita (Olhansense).

Juvenis masculinos (3600 metros) — 1.º, Callero Toscano (Huelva); 2.º, Toscano Romeno (Huelva); 3.º, José da Silves (Silves).

Juvenis femininos (3600 metros) — 1.º, Blanca Rosa (Villablanca); 2.º, Florbela Damas (Silves); 3.º, Vitória Cercal (Silves).

VELA

De 24 a 26 de Fevereiro decorrerá ao largo da Marina de Vilamoura, o V Torneio Internacional do Carnaval, competição aberta a velejadores nacionais e estrangeiros nas classes 470, Finn, Snipes, Vaurien, Laser, 420, Europe e Optimist. O certame é organizado pelo Clube Internacional da Marina de Vilamoura, com o seguinte programa:

Dia 24 (sábado) — às 14,30 horas, 1.ª regata; dia 25 (domingo), 11 horas, 2.ª regata; a 3.ª regata será realizada meia-hora após o final da anterior. Dia 26 (2.ª feira), às 11 horas, 4.ª regata; 5.ª regata meia-hora após o final da anterior.

«Os Armaceneses» têm campo de futebol

Em plena praia de Armação de Pêra, nasceu um novo recinto desportivo, o do Futebol Clube «Os Armaceneses», que mostra estar à altura das necessidades do futebol praticado naquela localidade. Fundado há quase meio século, só agora «Os Armaceneses» se vê «brindado» com um campo.

Receia-se, no entanto, que o campo venha a ser de novo transformado em parque de automóveis, segundo notícias que correm em Armação de Pêra, comprometendo as legítimas aspirações de crescimento do popular clube local.

Domingos Pereira

Notariado Português Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

A cargo do Notário: Lic. João Frederico de Oliveira Telo Mexia

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura outorgada em 12 de Janeiro corrente, lavrada de fls. 10 a 11 v. do livro de notas n.º B-121, Irene de Jesus Silva Pires Barreiros Brandão e marido Luís Mendes Barreiros Brandão, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da freguesia de Benfica, concelho de Lisboa e ela da freguesia de Vila Nova de Cacela, deste concelho, onde habitualmente residem no sítio da Bornacha, se declararam donos e legítimos possuidores com exclusão de outrem, dos dois seguintes prédios, ambos situados no sítio da Bornacha, freguesia de Vila Nova de Cacela, deste concelho, não descritos na Conservatória do Registo Predial de Vila Real de Santo António, a saber:

a) Prédio urbano térreo, destinado a habitação com oito compartimentos, cozinha, ramada, palheiro, logradouro e quintal, com a área coberta de 132 m² e descoberta de 172 m² a confrontar do norte com António Celorico Drago, sul e nascente com Manuel da Encarnação Teixeira e poente com a Estrada Camarária, inscrito na respectiva matriz, em nome da justificante mulher sob o art.º n.º 1216 com o rendimento colectável corrigido de 2 074\$00 de que resulta o valor matricial de 41 480\$00 e a que atribuem o valor declarado de 50 000\$00; e

b) Prédio rústico composto de uma courela de terra de semear com árvores e vinha, com a área de 2 500 m², a confrontar do norte com José Frederico Rosa, e outros, sul com herdeiros de Guilhermina do Nascimento, nascente com João do Nascimento e poente

FARO em notícia

POSTO DE TURISMO DE FARO

Foi de 2 304 o número de elementos que contactaram, durante o mês de Dezembro, o Posto de Turismo de Faro solicitando informações. Daquele número 1 360 eram portugueses e 944 estrangeiros, com predominio dos de expressão inglesa, com 531 visitantes.

CINE CLUBE DE FARO

Reuniu na 2.ª feira, dia 8, em assembleia geral, na Casa da Cultura da Juventude, o Cine Clube de Faro a fim de eleger os novos corpos gerentes.

GRUPO DE TEATRO DO HOTEL EVA EM BEJA

Realizou-se no domingo, dia 7, em Beja, um convívio dos trabalhadores da Rodoviária Nacional (R. N.) no qual actuaram vários grupos corais alentejanos e o Grupo de Teatro dos Trabalhadores do Hotel Eva (Faro) que apresentou, para além de números de palhaços e de poesia, a representação da peça «O contraste», da autoria do elemento daquele grupo e seu director, José Guerreiro.

APOIO AO PEQUENO INVESTIMENTO ESTRANGEIRO NO ALGARVE

Muitos pequenos investidores estrangeiros (caso de reformados que desejam passar a residir na zona ou indivíduos interessados na aquisição ou construção de vivendas) estão conhecendo sérias dificuldades no Algarve, pela longa demora no processo burocrático de importação de capitais. Para além dos múltiplos problemas que afectam esses investidores, aponta-se a necessidade de investimentos de que o País carece e que vão fomentar e manter postos de trabalho. O assunto foi objecto de uma reunião realizada em Lisboa, no Banco de Portugal, em que, participaram o administrador dr. Walter Marques e o director de serviço de estrangeiros, dr. Silveira Guerra, bem como uma delegação do Algarve, constituída por Cabrita Neto (presidente da Comissão Regional de Turismo), dr.ª Maria Teresa Pardana (presidente da Assembleia Municipal de Albufeira e Conservadora do Registo Predial), Julieta Revez (funcionária bancária) e Leonina de Sousa (mediadora de propriedades). Foi prometido para breve um estudo conclusivo do assunto que encaminhe a criação, junto da delegação do Banco de Portugal em Faro, de um serviço que possa dar uma res-

posta urgente às múltiplas solicitações da zona algarvia, onde estão radicados cerca de cinco mil estrangeiros.

50 ANOS AO SERVIÇO DO MUNICÍPIO DE FARO

Completo meio século de serviço ininterrupto, na Câmara Municipal de Faro, o sr. Manuel José Sabino, encarregado principal dos jardins, figura bem conhecida não só na cidade como na província pela sua capacidade artística e criadora. Vindo muito novo fixar-se em Faro, Mestre Sabino entrou com 19 anos de idade para o município, ascendendo os vários degraus, conhecendo 13 presidentes de Câmara e granjeando o apreço, a estima e a consideração de todos.

Na data em que completou as bodas de ouro de funcionário municipal, decorreu no salão nobre dos Paços do Concelho, uma sessão de homenagem. Presidiu o eng. Lopes Belchior, presidente da edilidade, bem como colegas do homenageado. Também a Corporação dos Bombeiros Municipais se associou à homenagem. O comandante da corporação fez-lhe entrega de um objecto artístico, testemunhando o apreço dos bombeiros de que há muitos anos o sr. Sabino é chefe. Falou depois o eng. Lopes Belchior o qual testemunhou o agradecimento da edilidade pelo seu espírito de dedicação e de preservação, apontando-o como um exemplo. No final o sr. Manuel José Sabino, que é também um conhecido poeta popular, agradeceu a homenagem prestada e reafirmou a sua dedicação total à sua terra adoptiva, Faro, e ao Algarve.

MONUMENTO AO GENERAL HUMBERTO DELGADO

A Câmara Municipal deliberou, em sessão ordinária, dar o seu apoio à construção do monumento ao General Humberto Delgado, no Porto, abrindo para o efeito uma subscrição pública na capital algarvia. As listas encontram-se na Secretaria do Município.

SINDICATO DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE FARO

Decorreu em perfeita normalidade a assembleia geral extraordinária do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, Madeiras e Mármore do Distrito de Faro, efectuada a pedido da lista A (proposta pela anterior direcção) procurando impugnar o acto eleitoral com base em apontadas ilegalidades. A assembleia deliberou por 146 votos a favor e 44 contra e 3 abstenções ratificar o resultado do acto eleitoral confirmando a vitória da lista B (afecta ao PCP), que de imediato foi empossada nas suas funções. O Sindicato (um dos mais importantes do distrito de Faro) conta com cerca de 3 000 eleitores dos cerca de 7 000 inscritos.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE FARO COMEMORAM 56.º ANIVERSÁRIO

A Corporação dos Bombeiros Voluntários de Faro (Cruz Lusá) comemorou com várias cerimónias o 56.º aniversário da sua fundação. Motivo para justificada festa reunindo os bravos soldados da paz que ao longo de mais de meio século têm prestado os mais relevantes serviços à população algarvia.

De manhã houve formatura geral frente ao quartel da corporação, após o que foi celebrada missa, na igreja do Carmo. Foi celebrante o rev. Padre Leonel Ramos (capelão da Corporação) que, à homilia, se referiu ao sentido humano e cristão da missão do soldado da paz.

Seguiu-se uma romagem ao cemitério da Esperança, sendo depositadas flores em campas de bombeiros.

Mais tarde e em cerimónia realizada frente ao quartel, ante a formatura geral, o sr. Álvaro Correia, em representação do presidente do Município, impôs a Medalha de Ouro — 2.ª classe, da Liga dos Bombeiros Portugueses, ao ajudante do comando, José Francisco, pelos seus quarenta anos de dedicação à Cruz Lusá.

Houve depois um almoço de confraternização de todos os elementos da direcção, corpo activo não só da corporação aniversariante como de outras do Algarve. Usaram da palavra, pela direcção, o secretário sr. Luciano Seromenho, os srs. Armando Romão e Pais Lobo, 1.º e 2.º comandantes, e o rev. Leonel Ramos.

TORDO ANILHADO «ENCONTRADO» EM FARO

Foi encontrado morto, por um agente da PSP, um tordo que era portador de uma anilha com a inscrição: «BDF/GMF 73-15».

Funerária do Sul, Lda.

Gerência de João Estêvão

Funerais, trasladações e artigos religiosos

Rua Paula Vicente 15
Praça Humberto Delgado, 4-A

(Junto ao Mercado das Torcatas)

Telefs. 276 10 45 - 276 11 20 ALMADA

Sufragando a alma de sua mãe sr.^a D. Isabel da Silva, o nosso assinante sr. Dionísio da Silva Estêvão entregou-nos 200\$00 para os nossos protegidos. Agradecemos, em nome dos contemplados.

A PONTA DA AREIA

Barco que entra, recordação que sai

ERA domingo. Começámos em pequeno grupo na cavaqueira entre amigos que, ao fim de algum tempo, voltaram a encontrar-se, tendo por cenário a Praça Marquês de Pombal e sob uma laranjeira, a fim de nos resguardarmos do sol que, em pleno Inverno, queimava. A conversa prolongou-se por algum tempo, estávamos interessados e o grupo deu em alargar. O tema escolhido derivou em vários sentidos e, ainda que o calor dos raios solares se fizesse sentir sob os nossos pés e cabeças, nenhum de nós arredou pé!

E tão interessados e embevecidos estávamos que, não fora a chamada de atenção de um dos amigos que compunham o grupo, agora mais expressivo no número, para um barco cargueiro que passava lá ao fundo, por cima das nossas cabeças, no enfim de casas com o antigo café «Seguro», no extremo oposto, e não teríamos apreciado aquele momento de alegria que era vulgar trinta e cinco anos atrás.

Que satisfação sentimos e quantas recordações dessa época. Algumas boas, outras não. Sobretudo aos que ganhavam pouco e mal lhes dava para comer e vestir. Momentos bem difíceis, aliás, sempre foi assim; claro, que alguns tinham a barriga mais temperada e alguma roupa para um dia: dia indicado por alguém, um dia determinado em cada ano.

Era curioso voltar a recortar-se no horizonte a silhueta de um barco de grande calado, até porque, havia momentos, tínhamos passeado ao longo da marginal e nada nos havia chamado a atenção, em especial. Apreciamos embevecidos o traçado arquitectónico, estilo pombalino, tal como o bonito jardim nem sempre bem tratado, assim como o empedrado de paralelepípedos da estrada e os arbus-

tos que contornam toda a avenida marginal, os quais foram recentemente aparados e cortados, mas deixados, por desmazelo ou incúria, no chão, ao longo de toda a avenida.

Todavia a passagem do cargueiro, rio acima, trouxe-nos à memória acontecimentos de um passado não longínquo, mas certamente bem demarcado em muitas trabalhadeiras de fábricas de conservas, que palmilhavam muitos quilómetros diariamente, quer fizesse bom ou mau tempo e cujos proventos miseráveis mal chegavam. Quantos sacrifícios e abnegação, pois as bocas que ficavam em casa tinham de comer!

E os pescadores? quanta persistência para a consolidação dos seus direitos. E na solidariedade e compreensão que se forja a conquista dos direitos fundamentais do homem, onde jamais terão lugar parasitas, exploradores, vendilhões ou indiferentes pelo sofrimento humano, quer ele seja nos hospitais, nas cadeias ou na rua.

Aurélio Bonança

EM TORNO DAS PENSÕES DE REFORMA SERÁ REALIDADE?

por J. Santos Stockler

SEGUNDO nos disseram há dias, os reformados da PSP e da GNR, iriam começar a receber, com início em Janeiro, a pensão igual ao seu vencimento, como se estivessem no activo. Ora, embora tal nova nos alegrasse por um lado, logo nos entristeceu por outro, uma vez que nos disseram que as pensões da Previdência apenas iriam aumentando gradualmente, ou seja, de harmonia com as disponibilidades económicas actuais do País.

Quer dizer: para os reformados do Estado há dinheiro bastante para se lhes dar uma pensão igual, além do duplo emprego permitido, os bens de consumo mais baratos, através das respectivas cantinas, e gasolina a preço inferior ao normal; e, para os pensionistas da Previdência, homens que além dos descontos feitos uma vida inteira contribuíram para a rentabilidade económica do país, através do trabalho, única fonte de receita de onde depois vão sair os dinheiros públicos, para fazer face às despesas gerais do Estado, as suas bem miseráveis pensões só poderão ir aumentando gradualmente de harmonia com as

reais possibilidades económicas do País.

Ou, por outras palavras mais claras: para uns, vai praticar-se um acto de justiça (o reconhecimento urgente dos seus reais direitos de cidadão), para que assim possam acabar os seus dias num ambiente justo e humano, para que tenham aquela sobrevivência digna a que todo o cidadão tem pleno direito numa sociedade democrática; mas, logo a seguir, nega-se esse mesmo direito aos restantes portugueses, fazendo-se, assim, antidemocraticamente, uns filhos e outros enteado, descriminação não só anti-social como anti-humana!

Ora, uma vez que as tais disponibilidades económicas do país não permitem ao Governo tratar todos por igual, ou se faz uma distribuição equitativa dessas mesmas disponibilidades por todos, já que todos têm igual direito, ou então dá-se a todos igual quinhão, sem discriminações de actividades, uma vez que, se estas tivessem de vir a ser feitas, teriam de começar, primeiramente, por quem de justo direito, neste caso os pensionistas da Previdência, pois que, além dos descontos feitos, trabalharam até à hora da reforma ou da invalidez, para o equilíbrio económico e a rentabilidade nacional.

Portanto e sem contrariar os direitos dos pensionistas do Estado, cabe

(Conclui na 4.ª página)

Cantinho de S. Brás

Resposta a uma carta

por F. Clara Neves

Nº número 1136 do Jornal do Algarve, rubrica «Cartas à Redacção», com o título «Problemas do Concelho de S. Brás de Alportel», o sr. Agostinho Camões, que viveu a sua mocidade e casou neste concelho, comenta alguns pormenores dum artigo que inseri recentemente intitulado «Operação estradas e caminhos».

Evidentemente, fiquei lisonjeado

com os seus adjectivos por me considerar «profundo conhecedor dos problemas de S. Brás de Alportel. Mas, note, há muito boa gente que jamais lhe perdoará essa frase, espécie de heresia! Quanto à sua opinião, que considero exagerada, de «bastante inteligente», por favor, não repita mais nada no género que causará engulhos e má disposição em certos sectores da nossa «parvónia» como humoristicamente referia o grande estilista Boaventura Passos, numa revista notável que levou à cena nos bons velhos tempos de teatro de categoria em S. Brás! Entendido?

A respeito do seu critério de ser ou não ser «lavado», escrevo com muita frequência nalguns jornais algarvios muitos artigos, tendo por cenário a nossa terra e o Algarve, que julgo oportunos e realistas, dissecando os seus problemas! Elogio ou critico quando é caso disso, sem fazer o «frete» seja a quem for, como muitos de-

(Conclui na 4.ª página)

CORREIO de LAGOS

IMPORTAR VINHO NÃO SERÁ MEDIDA DESFAVORÁVEL AO PROGRESSO DA NAÇÃO?

PORQUE, na crise económica em que vivemos, está aconselhada a diminuição de importações e o vinho atingiu um preço tal que os mais carecidos não o suportam, a anunciada importação de vinho está a dar que falar, pois considera-se prejudicial aos interesses da Nação. Tem constado que a medida adoptada se baseia em importações já fixadas, cujos compromissos têm de ser respeitados.

Mas, se estamos em crise, e o vinho não é um género de primeira necessidade, não será prudente evitar importações que vão aumentar o pesado défice da Nação, com prejuízo da saúde de muitos que abusam do álcool, o volume de importação de vinhos não se tornará mais útil na aquisição de matérias primas para valorizar a nossa desprezada agricultura e determinados sectores industriais? No Algarve, a reserva de vinhos, desde que não hajam exportações, prevê-se que seja suficiente para assegurar o consumo e até nova colheita que, uma vez normal, não nos deixará sem vinho que basta. Porque não preparar o povo para possível abstinência, se for caso disso? não haverá necessidade de nos privarmos de bebidas alcoólicas, especialmente quando tenhamos que as importar?

OS AMIGOS DO ALHEIO PROLIFERAM

Lagos tem, nos últimos tempos, sido vítima de roubos em estabelecimentos comerciais que estão a alarmar a população. Primeiro foram aparelhos de televisão em quantidade apreciável, agora roupas em estabelecimentos do género, um até de recente funcionamento, e em circunstâncias que nos

Algarvio eleito para a vice-presidência da Associação de Imprensa Estrangeira, em Paris

Nº decurso da assembleia geral da Associação de Imprensa Estrangeira, em Paris, foi eleito para vice-presidente da Direcção, para o ano de 1979, o português Silva Martins. Natural do concelho de Loulé, Silva Martins, que pela 15.ª vez é eleito para funções directivas naquela associação fundada em 1833 (a mais antiga associação de imprensa estrangeira do mundo), está radicado em Paris desde 1950.

levam a acreditar tratar-se de profissionais experientes, cuja pista urge encontrar.

Confiamos que a PSP intensifique a vigilância, especialmente nas chamadas horas mortas, pois que Lagos não pode ser coito de amigos do alheio cuja descoberta se impõe para os tornar úteis através do trabalho honesto.

Joaquim de Sousa Piscarreta



Pré-memórias

IV por Deodato Santos

Satisfação sublime que tem o seu preço. E bem caro. As injúrias do inimigo, os seus golpes baixos, as suas ameaças de morte, a planura das suas intenções, a mediocridade dos seus objectivos, a sua ausência de alma. Mas não é só o inimigo a apresentar a factura. Do seio daqueles que directamente beneficiaram e que à primeira vista contávamos como amigos, surge, quando menos se espera, a incompreensão, a equívoca palavra, a sórdida insinuação.

Dou comigo a pensar que estou a escrever este capítulo para um leitor da posteridade. É a primeira vez que tal me acontece. É uma sensação esquisita. É esquisito estar a escrever para um leitor que pode ainda não ter nascido, e que me lerá quando eu já não existir.

Talvez não tivesse desenvolvido esta ideia do preço que se tem de pagar a um grupo de pessoas, pelo prazer sublime alcançado, quando das vantagens que fomos capazes de trazer-lhes, se não tivesse pensado em ti, leitor do futuro porque acho que imediatamente pensarás nisso. Se estivesse a escrever para o presente teria receio de o dizer, pois o resultado seria o aumento da factura. Mas, a tua presença, obriga-me a que não deixe isto em falso, és um crítico que o não deixaria passar.

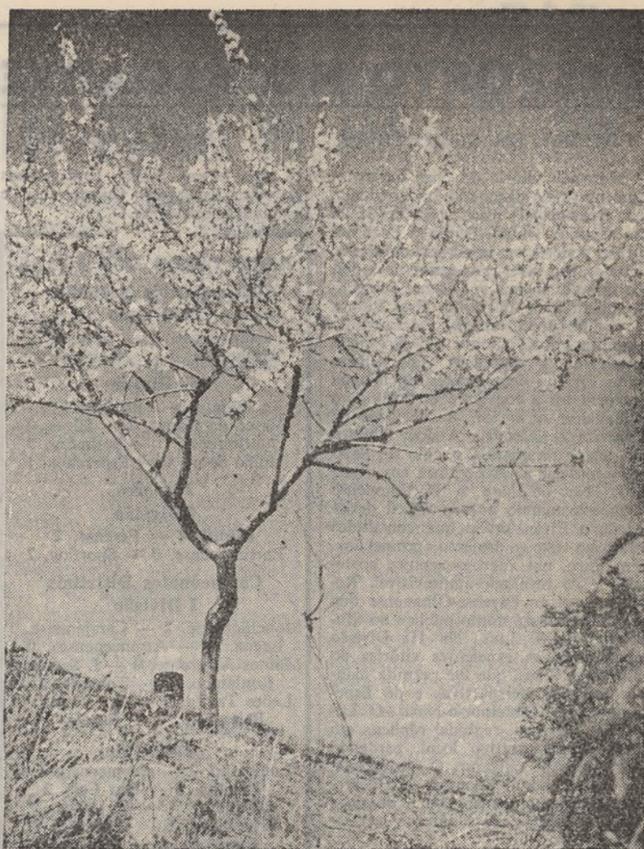
É absolutamente normal que todo aquele que se sintia devedor em relação a outro, tenha o desejo de o ofender e ferir, pela razão de estar nessa situação de devedor. Já se tem notado que o comportamento dos associados em relação à gerência que elegeram, é diferente daquele que tinham em relação a uma empresa privada, ao patrão, ao intermediário. Enquanto que com esses a sua situação era de explorado com consciência disso, e o seu comportamento era de total submissão, subserviência, aqui, naquilo que é seu, porque sócio, ele toma atitudes que conduzem até a destruição da actividade comum. E ainda mais, sentindo que essa posição em que conseguiu emancipar-se se deve ao esforço desinteressado deste ou daquele cairá sobre esses com as maiores mesquinhas de que for capaz. Com a maior vilania, com o maior insulto.

Comparativamente ao patrão não é a mesma coisa. O patrão dá-lhe a retribuição (justa ou injusta) de um trabalho seu. Quanto mais ela for injusta menos é a resposta afectiva (o amor) que este tem de dar em troca. Decerto que o seu comportamento é servil, domesticado, mas não se sente devedor naquilo que é o mais importante e a razão mais profunda (embora o não compreenda).

Ele não tem que fazer uma retribuição de amor. Caso contrário, sim senhor. Ele sente que a única paga que se pode dar a quem usa de amor é amor.

E porque não quer, porque o sente como profunda violação de si próprio, porque sente medo, um medo terrível, como se libertar daquela coisa escondida, aquela coisa avaramente guardada, algo de desintegrador lhe acontecesse. É a mesma avareza, a mesma dor, a mesma angústia suprema do organismo. E dir-me-ás, leitor póstumo, que seremos nós, em tudo o que de altruísticos fizermos, senão mensageiros de amor, neste sentido que estamos a ver: libertação do organismo, libertação do amor, libertação da inteligência, libertação do indivíduo. Incomensurável de tão simples.

E porque estamos a libertar-nos apoiando-nos numa base de sustentação que desejamos libertar connosco, e porque essa base de sustentação sente que não é capaz, que não pode, que não quer, ela odeia-nos, porque tem a consciência que não pode seguir-nos, odeia-nos porque nós somos capazes disso e odeia-nos porque atingimos o sublime como se nos tivéssemos utilizado deles.



A neve florida a inundar os montes, do barrocal à zona serrana, é cántico da Natureza renovada que acontece no Inverno deste Algarve. Espectáculo sempre possível a cada translação, espalha, de modo claro, a luta entre o velho e o novo, é síntese que enche de luz a esperança de quantos acreditam na possibilidade de ver a beleza dos dias de amanhã.

Crónica de Portimão

Dos perigos de ser cronista em terra própria

por Candelas Nunes

O ESPAÇO que deixei em aberto no Jornal do Algarve, há algum tempo, não foi até hoje preenchido por ninguém. E, de quando em quando, chegam-me notícias, lisonjeiras, a dizer-me que há ainda quem se lembre desse espaço e de quem o ocupou. Dai que eu venha hoje, assim como se imitasse alguma dessas folhas em crise que todos conhecemos: saiem uma vez por ano para garantia do título. Ao diabo a semelhança! Que algumas dessas folhas são pasquins que Abril varreu — e ainda bem...

Que há coisas que dizer de Portimão ninguém dúvida. Haja quem as diga, neste tempo em que os gestos não são neutros e o silêncio é, quase sempre, uma forma de estar (mal) situado.

A dificuldade estará em agarrar o tema. Pegue a gente hoje em qualquer coisa que valha a pena pegar e, seja qual for a forma por que o faça, há sempre uma carga danada de política por baixo. E o mal não é isso, que política só talvez não haja (e mesmo assim...) na secção necrológica. O pior é a bolha partidária, quer explícita (um homem não é de palha e ao tomar posição toma-a de acordo com as suas coordenadas ideológicas e não com as do vizinho) quer implícita, já que haverá sempre um ou outro esperto, sagaz e matreiro a apontar de dedo em riste: «Lá está, lá está, bem dizia eu que o gajo é...» E aqui põe a palavra chucha, ou a palavra facho, ou aquilo que muito bem entenda.

Porque se formos aqui contar as coisas que sabemos de um certo fulano que foi à estranja em representação do município e, de regresso, se abotoou pessoalmente com ofertas ofi-

(Conclui na 5.ª página)

CRIANÇA PRESA EM CAXIAS

A mesa está posta, meu filho, numa quieta bancura de nata: nas quatro paredes a loiça lança reflexos azuis. Eis o sal e eis o azeite, ao centro o pão que quase fala»

Gabriela Mistral

No dia 16 do corrente, um grupo de apoio ao Ano Internacional da Criança fez encontrar, numa escola da cidade de Faro, dezenas de educadores e pais, autoridades escolares, representante do bispo do Algarve, governador civil, Câmara Municipal, directora do Conservatório Regional, dirigentes do sector desportivo regional, sociedades de recreio e cultura, associações de estudantes, representantes de grupos de teatro, cooperativistas, assistência médica, juristas, Pioneiros e Escuteiros de Portugal e mais representantes de escolas e de associações de cultura e desporto.

O dr. Emílio Campos Coroa, na sua qualidade de médico escolar, há já um quarto de século, e de cidadão, fez um alerta à situação da criança no mundo dos homens e apontou o garoto Paulo Pinto, de 12 anos, encarcerado na prisão de Caxias por haver cometido o «crime» de tentativa de furto, num armazém onde se encontram depositados os donativos resultantes da chamada «operação pirâmide».

O aparato policial com que a prisão do menor foi praticado — polícia de intervenção empunhando metralhadoras — é todo um belicismo não justificado no caso e injúria ao Estado jurídico e democrático vigente, dum povo que nega e rejeita violências, apelando para as normas de justiça instituídas.

T. N.

CARTA ABERTA A PAULO PINTO PRISÃO DE CAXIAS — LISBOA

AMIGO PAULO

Tomámos conhecimento da tua prisão e discutimos o assunto na escola, porque ficámos todos revoltados com este acontecimento.

Sabes porque? Porque o primeiro direito das crianças, que está na declaração assinada em 20 de Novembro de 1959, diz assim:

«A criança deve gozar de protecção especial e ter oportunidades e facilidades para desenvolver-se de maneira sã e normal e em condições de liberdade e dignidade».

E nós perguntamos: tu Paulo, tiveste quem cuidasse de ti com amor, carinho e compreensão desde que nasceste?

Quem tem culpa de teres feito o que fizeste?

Tu que em vez de leite te davam aguardente, desde os 6 meses, tu que viveste sem pai nem mãe, tu que pouco amor encontraste, como podes

ser castigado se nunca pudeste ter direitos?

Agora que estás preso, até na rádio falam em ti! Parece-nos mentira que isto possa acontecer, no Ano Internacional da Criança.

Nós, crianças da escola onde tu andaste, decidimos escrever-te para tu sentires que gostamos de ti e que não concordamos com a tua prisão. Tu só tens 12 anos. É a prisão que te vai ajudar?

Nós resolvemos fazer uma campanha na escola: todos vamos colaborar para te comprarmos livros, jogos. E vamos escrever-te muitas vezes. E vamos escrever para o sr. Presidente da República, etc. etc. Até que te façam justiça!

Adeus Paulo. Escreve-nos. Esperamos as tuas notícias.

Faro, 15 de Janeiro do Ano Internacional da Criança.

Os alunos da Escola Anexa do Carmo.